



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA -
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

**“SE FOSSE AUTORIZADO NINGUÉM TAVA FAZENDO”:
ANÁLISE DA PIXAÇÃO E SEUS ATORES SOB A PERSPECTIVA DO DESVIO**

STEPHAN ALLEK WEIGERT

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA - SOCIEDADE,
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

**“SE FOSSE AUTORIZADO NINGUÉM TAVA FAZENDO”:
ANÁLISE DA PIXAÇÃO E SEUS ATORES SOB A PERSPECTIVA DO DESVIO**

STEPHAN ALLEK WEIGERT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucimara Flávio dos Reis

Foz do Iguaçu
2024

STEPHAN ALLEK WEIGERT

**“SE FOSSE AUTORIZADO NINGUÉM TAVA FAZENDO”:
ANÁLISE DA PIXAÇÃO E SEUS ATORES SOB A PERSPECTIVA DO DESVIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucimara Flávio dos Reis
UNILA

Prof^o. Dr. Rogerio Gimenes Giugliano
UNILA

Prof^o. Dr. Waldemir Rosa
UNILA

Foz do Iguaçu, 25 de abril de 2024.

*Dedicado a todos que se expressam
através da destruição.*

AGRADECIMENTOS

Riobaldo Tatarana, o *Fausto* sertanejo de Guimarães Rosa, já emanava: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da *travessia*”. Frase célebre, até batida, mas que representa para mim o que é concluir essa graduação. Talvez, entramos com uma ideia, saímos com outras, e é nesse ínterim que encontramos nosso *real*. Esse processo, no entanto, certamente não é individual, e o que encontramos nessa travessia vem em conjunto com as pessoas que aparecem nesse caminho. Por isso, gostaria de expressar meus agradecimentos a todos que me influenciaram, auxiliaram e me apoiaram nesses anos.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, principalmente minha mãe. Karolina, se não fosse por você, eu não teria nem completado esse trabalho e muito menos entrado na UNILA; como boa professora, você ainda deposita fé na educação como transformadora. Encontrar as palavras necessárias para expressar meu agradecimento seria impossível. Eu te admiro!

Aos meus avós, Dona Bete e Seu Jorge, pela criação e puxões de orelha necessários, sem palavras, muito obrigado!

Para meus tios: Felipe, que sempre me recebeu muito bem em Curitiba e que sempre me motivou aos estudos; à Jana, que sempre depositou fé no meu futuro e incentiva a buscar novas experiências.

Para minha companheira Kath, que me acompanha desde o início dessa graduação, sempre me apoiando e confortando nos momentos necessários. Muito obrigado!

Aqueles que fazem a vida ser mais leve, meus amigos. Aos de longa data, Felipe, Vinicius e Matheus, que eu espero carregar pela vida toda, tamo junto! Para a rapaziada de Curitiba, Cristian, Juliano e André, que sempre me receberam muito bem, apesar de ser uma batalha organizar rolê com vocês, tamo junto! Vocês certamente fizeram esses anos serem mais divertidos.

Às pessoas que conheci na graduação, em especial, Elian, Cláudia e Robert. As nossas conversas e assuntos fizeram essa graduação ser muito mais interessante.

À turma de 2020 que tive o prazer de fazer parte. A gente passou por tantos reveses, pandemia, ensino à distância, os curtos semestres, que chegar até aqui foi uma batalha. Mas, apesar de tudo, ter feito parte dessa turma foi uma experiência

muito boa.

Devo meus agradecimentos, também, aos meus professores. Primeiramente, à Rosane, que me instigou na escola para o estudo da política e da sociologia; também, aos do nosso curso, em especial ao Marcelino Lisboa e Elen Schneider, que me motivaram a trabalhar o tema aqui retratado.

Agradeço também aos professores Rogério Giugliano e Waldemir Rosa que, além de serem ótimos professores e de quem tive honra de ser estudante, aceitaram fazer parte da banca deste TCC.

À minha orientadora, Lucimara, que além de incentivar e devidamente orientar essa pesquisa, tive o prazer de ter sido aluno em aulas inesquecíveis sobre esse universo que é o meio urbano.

Agradeço, também, a todos aqueles que se expressam através da destruição, que mantêm o movimento vivo e que possibilitaram a existência desse trabalho. Em especial, a CRIPTA Djan, por preservar a memória e a ideologia; aos eternos #DI# (*in memoriam*) e SUSTOS Carol (*in memoriam*); e a toda rapaziada de São Paulo e Curitiba, um salve.

*Do rio que tudo arrasta se diz que é
violento. Mas ninguém diz violentas as
margens que o comprimem.*

Bertold Brecht

RESUMO

Este trabalho procura compreender a pixação dentro da perspectiva sociológica do desvio. Para analisar como se configura sociologicamente o desvio, percorremos diferentes perspectivas, desde as análises funcionalistas de Émile Durkheim até estudos associados ao interacionismo simbólico, como de Howard Becker e Erving Goffman, que encaram o desvio a partir de relações sociais que criam a rotulação. Em um segundo momento, através do resgate histórico, exploramos a particularidade da pixação e pontuamos as diferenças com outros estilos de expressão urbanos de ocupação de espaços, a exemplo do grafite. Ao iluminar o pixo como um movimento único, apresentamos as teorias sociológicas do desvio em perspectiva com a ação e identidade dos pixadores, através da análise de seus relatos; também verificamos como, a partir de uma ação compartilhada, no caso, a pixação, se configura uma subcultura desviante naquele meio, com regras e ideologias fundamentadas. Por fim, procuramos pontuar como a pixação é percebida como elemento de desvio mesmo para seus praticantes, no qual a quebra de normas serve como um dos motivadores para a prática.

Palavras-chave: pixação; sociologia do desvio; sociologia urbana; intervenções urbanas; subculturas desviantes.

RESUMEN

Este trabajo pretende comprender el graffiti desde la perspectiva sociológica de la desviación. Para analizar cómo se configura la desviación en el análisis sociológico, se estudiaron diferentes perspectivas, desde los análisis funcionalistas de Émile Durkheim hasta los estudios asociados al interaccionismo simbólico, como Howard Becker y Erving Goffman, que contemplan la desviación desde el punto de vista de las relaciones sociales de etiquetado. Para analizar la pixação desde el punto de vista de la desviación social, nos fijamos en la particularidad de la pixação, que difiere de otros estilos urbanos de ocupación de espacios, como los grafitis. Al situar el pixo como un movimiento único, se pusieron en perspectiva las teorías sociológicas de la desviación con la acción y la identidad de los pixadores, analizando sus relatos; también se vio cómo, a partir de una desviación compartida, se forma una subcultura desviada en el seno de la pixação, con reglas e ideologías basadas en ellas. Finalmente, se comprende cómo la pixação es percibida como desviada, en la que la ruptura de las normas sirve como uno de los motivadores de la práctica.

Palabras clave: pixação; sociologia da desviación; sociología urbana; intervenciones urbanas; subculturas desviadas;

ABSTRACT

This work seeks to understand pixação from the sociological perspective of deviance. In order to analyze how deviance is configured in sociological analysis, different perspectives were studied, from the functionalist analyses of Émile Durkheim to studies associated with symbolic interactionism, such as Howard Becker and Erving Goffman, who look at deviance from the point of view of social relations of labeling. In order to analyze pixação from the point of view of social deviance, we looked at the particularity of pixação, which differs from other urban styles of occupying spaces, such as graffiti. By placing pixo as a unique movement, the sociological theories of deviance were put into perspective with the action and identity of the pixadores by analyzing their accounts; it was also seen how, from a shared deviance, a deviant subculture is formed in the midst of pixação, with rules and ideologies based on them. Finally, it is understood how pixação is perceived as a deviation, in which the breaking of norms serves as one of the motivators for the practice.

Keywords: pixação; sociology of deviance; urban sociology; urban interventions; deviant subcultures;

LISTA DE FIGURAS

Figura I - Punks integrantes da banda “GBH”, formada em Birmingham, na Inglaterra, em 1978.....	29
Figura II - Pichação relativa ao movimento de Maio de 1968, na França. Na imagem, se lê: “Viva a greve, viva a união dos estudantes, viva o marxismo”.....	33
Figura III e IV - Demonstração da diferença estilística entre pichação (esquerda) e grafite (direita).....	35
Figura V - Da esquerda para a direita, canetão, tinta spray e rolo de tinta, utensílios utilizados para a realização de pichações, grafites e pixos.....	36
Figura VI - Diversas pichações feitas em um local abandonado em Foz do Iguaçu - PR. 36	
Figura VII - Diversas inscrições Romanas nas ruínas de Pompéia, da Roma Antiga.....	37
Figura VIII - Indivíduo pichando mensagem contra a ditadura no Rio de Janeiro-RJ. Na figura, um indivíduo picha as seguintes frases: “ABAIXO A DITADURA” e “FORA DITADURA”.....	38
Figura IX - Vagão de metrô com várias tags na cidade de Nova Iorque, em 1973.....	40
Figura X - Grafite no estilo throw-up em vagão de metrô da cidade de Nova Iorque.....	41
Figura XI - Grafite no estilo “masterpiece” de Binho, realizado em São Paulo-SP em 2014. 43	
Figura XII - Grafite de Os Gêmeos representando indivíduos inscrevendo em um muro. Na imagem, ainda se observam pichações alheias.....	44
Figura XIII e XIV - Reportagem com Antenor, responsável pelo Cão Fila Km 26 e Pichações de Juneca e Pessoinha, no ano de 1986.....	46
Figura XV - Pixo de Zé LIXOMANIA, um dos precursores da tipografia da pichação.....	47
Figura XVI - “Folhinha” da união “Os Melhores”, fundada no fim dos anos 80, com pixos de TCHENCHO, KRELLOS, SNOWBOYS, PUNK DE GUERRA, entre outros.....	48
Figura XVII - Diversas pichações realizadas em 1996 em um prédio de São Paulo; Na imagem se encontram pichações de #DI#, OLODUM, MRT e KIDÃO.....	50
Figura XVIII e XIX - Estilo de Pichação do Rio de Janeiro (esquerda) e do Distrito Federal (direita).....	51
Figura XX - Ponte estaiada, na Zona Sul da cidade de São Paulo, é considerada um dos	

elementos de destaque para os pixadores por sua dificuldade. Na imagem, nota-se pixações de ARRASTÃO e MISFITS (de vermelho, no meio) e de FRANCISCO e LIMITS (de preto, na vertical)..... 56

Figura XXI - Pixo realizado na Avenida 23 de Maio de São Paulo-SP com uma frase reivindicando atenção para problemas sociais da cidade além da pixação..... 57

Figura XXII - Pixações em prédios abandonados na cidade de São Paulo-SP no ano de 2017. Na imagem, se confere também inscrições contra o ex-presidente Michel Temer e o ex-prefeito de São Paulo João Dória..... 60

Figura XXIII - Exemplo de “atropelo” no meio da pixação, a qual um pixador inscreve por cima de outra inscrição deliberadamente..... 65

Figura XXIV - Pixação em Santa Terezinha de Itaipu-PR com o uso da grife “Adolescência Rebelde”..... 66

Figura XXV - Grifes da pixação, da esquerda para a direita: “Agilidade 7 Vidas”, “Turma da Janela” e “Mania de Pixar”..... 67

Figura XXVI - Convite para a festa do pixo de “Pinguim 8º BATALHÃO”. Na imagem, se confere o endereço da festa, o horário e avisos para não pixar perto do local da festa.... 68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. NORMAS, REGRAS, GRUPOS E DESVIO: BALANÇO SOBRE A SOCIOLOGIA DO DESVIO	15
1.1 A PERSPECTIVA PATOLÓGICA: ÉMILE DURKHEIM E A TRADIÇÃO FUNCIONALISTA	18
1.2 ESCOLA DE CHICAGO: DOS ESTUDOS DA DELINQUÊNCIA E A FORMULAÇÃO DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO	21
1.3 TEORIA DA ROTULAÇÃO E ESTIGMA: DESVIO NA PERSPECTIVA DE HOWARD BECKER E ERVING GOFFMAN	23
1.4 SUBCULTURAS DESVIANTES	28
2. PICHANÇA, GRAFITE E PIXO: AS DIFERENTES TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E A PARTICULARIDADE DA PIXANÇA NO BRASIL	32
2.1 A HISTÓRIA DA PICHANÇA: DO CARVÃO AO AEROSSOL	35
2.2 O GRAFFITI: A ORIGEM E O CONTEXTO BRASILEIRO	39
2.3 O PIXO: UM ESTILO PARTICULAR DE ESCRITA URBANA DAS CIDADES BRASILEIRAS	45
3. DESVIANTES DO ESPAÇO URBANO: OS PIXADORES, SUAS AÇÕES E MARCAS	52
3.1 A PIXANÇA COMO DESVIO SOCIAL	54
3.2 A SUBCULTURA DA PIXANÇA: REGRAS, PRÁTICAS E COMUNIDADE	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

A experiência de caminhar em grandes centros urbanos, tende a se mostrar uma experiência que aguça os sentidos e estimula o olhar sociológico. Em texto seminal que marca a experiência da metrópole, Simmel, discorre sobre como as mudanças em curso na cidade moderna alterariam o indivíduo em tal proporção que este, através dos grandes estímulos recebidos, adotaria uma prática indiferente diante do outro e se tornaria “blasé” (Simmel, 1979). Sob a influência de Simmel, somos instigados a observar a experiência urbana brasileira. Ao caminhar pelas ruas temos revelado uma cultura de apropriação e transformação do espaço através da pixação¹.

Em um primeiro momento, este tipo de manifestação faz uso de formas e símbolos, sem qualquer alusão a palavras ou mesmo desenhos. Todavia, tal escrita, que exige um exercício do olhar para compreendê-la, revela uma rede conectada de indivíduos que a partir do mesmo objeto, o pixo, estabelecem uma dinâmica de reconhecimento e sociabilidade. No mais, a pixação, ou como seus associados se referem, o movimento da pixação, é um fenômeno das cidades brasileiras que, a partir de seu desenvolvimento em São Paulo-SP, se espalha pelos grandes centros do país; a pixação, por conseguinte, se torna um elemento de intervenção visual, junto com outras grafias presentes, como o grafite; portanto, essa deve ser analisada como um elemento próprio, a fim da compreensão de suas especificidades. Logo, não somente por seu estilo, mas também pelos seus meios, a pixação se mostra um interessante objeto de estudo sociológico.

Contudo, o pixo revela em sua interioridade um elemento de particular interesse assumido por seus agentes: a transgressividade. As pichações no Brasil, no geral, são enquadradas como crime ambiental pela lei 9.605/98, artigo 65 e incisos, que estipula uma pena de “três meses a um ano e multa” (Brasil, 1998); nesse sentido, a pixação se enquadra como crime. A dinâmica que nos interessa, a partir da criminalização do pixo, é de como os indivíduos associados à sua prática observam sua própria ação a partir dessa infração, permitindo uma análise a partir dos estudos da sociologia do desvio. Retornaremos a esse ponto.

¹ Por hora, cabe explicar que o uso do “X” para referenciar a pixação vem tanto de um estilo particular como de diferenciação entre seus agentes. A pichação, de grafia correta, são inscrições facilmente legíveis, associadas ao protesto ou reivindicação social; por outro lado, a pixação, com “X”, detém um estilo particular reconhecível.

Por hora, cabem alguns esclarecimentos: A sociologia do desvio é um campo de estudos da sociologia que se dedica ao entendimento de ações, indivíduos e valores “desviantes” presentes na sociedade. O desvio se estabelece, em uma primeira perspectiva, literalmente, como o “desvio” da norma; sociologicamente, a norma é o conjunto de regras e valores presentes em dada sociedade. Tendo em vista o supracitado, a sociologia do desvio e os estudos originados a partir dela possibilitam uma análise do fenômeno da pixação a partir de como os sujeitos se vêem na posição de desviantes e como eles constroem a identidade desviante.

Portanto, em um primeiro momento, nos propomos a abordar a sociologia do desvio, principalmente a partir de três momentos teóricos-metodológicos: a tradição funcionalista, os estudos da delinquência, e o interacionismo simbólico. A tradição funcionalista representada principalmente por Émile Durkheim, é uma das primeiras abordagens sociológicas frente ao desvio, em que se considera o desvio como uma forma “patológica” de ameaça à coesão social observada no organismo da sociedade; por sua vez, estudos sobre a delinquência desenvolvem-se a partir de uma abordagem ecológica dos autores da Escola de Chicago, como Ernest Burgess e Ezra Park; por último, citamos os estudos sobre o desvio no âmbito do interacionismo simbólico, observado nas teorias de Howard Becker e Erving Goffman, em que o conceito passa a ser considerado como uma construção da sociedade, se distanciando da abordagem patológica ou de delinquência. De certa maneira, a separação entre essas tradições revelam um apanhado histórico da sociologia do desvio.

No capítulo 2, propomos uma construção histórica da pixação, o que nos permitirá entendê-la como um fenômeno particular das cidades brasileiras. A partir desse ponto, será elucidado como o pixo pode ser identificado como um movimento particular. Para tanto, analisaremos a pichação, rudimentar e sem um estilo específico, e o grafite, estilo derivado do movimento hip-hop estadunidense; estes elementos, ademais, são adjacentes ao pixo, mesmo se manifestando nos mesmos espaços da cidade. Esses recursos, por habitarem o mesmo espaço, frequentemente acabam sendo confundidos entre si, ainda que apresentando diferenças estéticas e ideológicas.

Sendo estabelecida a particularidade da pixação no Brasil, no capítulo 3, veremos suas práticas em conjunto com as análises da sociologia do desvio. Utilizando principalmente os pressupostos de Becker (2008), será estudado como a quebra de regras no meio da pixação é um dos condicionantes para a sua prática; também, serão analisados os “controles sociais” da prática, como a restrição da venda de tintas spray

para menores de 18 anos, o apagamento e as próprias rotulações de marginalidade indicadas a seus praticantes. Também, se verificará a identidade do pixador a partir das postulações de Goffman (2008) sobre estigma e identidade social. Por último, será vista a pixação como uma subcultura que tem o desvio como elemento agregador, ao mesmo tempo que revela espaços, regras e simbologia compartilhados que representam uma cultura específica através da pixação.

A partir de tais objetivos, entender-se-á como a pixação se manifesta como desvio, levando em conta como os indivíduos absorvem a rotulação de desviante e também como abstraem tal dinâmica.

1. NORMAS, REGRAS, GRUPOS E DESVIO: BALANÇO SOBRE A SOCIOLOGIA DO DESVIO

O desvio, ou comportamento desviante, é abordado na sociologia como toda relação que envolve uma desorientação quanto às normas da sociedade. Portanto, em análises sociais do desvio, se admite que, em dada sociedade, seja possível categorizar as normas sociais que definem o “certo” e “errado”; no mais, se considera que o indivíduo desviante carrega em si características que levam a um ato de “desvio” (Becker, 2008, p. 17). O conceito de desvio, na perspectiva sociológica, no entanto, perpassou por diferentes abordagens para a consideração de um sujeito como desviante.

A “sociologia do desvio” surge no século XIX como uma ferramenta de análise de casos principalmente associados à criminologia e estudos de “tratados filosóficos e religiosos” (Lima, 2001, p. 186). Além disso, desvio veio a se conformar como um conceito que abrange comportamentos que fogem da norma, seja por comportamentos, atitudes ou aparências.

É de suma importância, então, antes de partir para o desvio em si, verificar como se estabelecem as normas e as regras das interações sociais, segundo as análises sociológicas. Segundo Giddens (1996), as abordagens clássicas sobre a interação humana em uma perspectiva sociológica a trataram como um conjunto de “direitos e ordenação de obrigações” (Giddens, 1996, p. 126), por fim, gerando uma norma nas relações sociais. A partir da conformação de normas, se requer para o indivíduo em sociedade o cumprimento dessa, do contrário, sofrerá das devidas sanções estabelecidas; no pensamento durkheimiano, por exemplo, a própria existência de normas, por estabelecerem uma ordem moral, separa “o mundo social” do “mundo da natureza” (Giddens, 1996, p. 112); também, a própria concepção de anomia social de Durkheim².

A existência de desvio, nesse sentido, é justamente a divergência das normas e regras transmitidas sobre um grupo social, abrindo a possibilidade de sua aceitação ou rejeição, em que um indivíduo ou grupo quebra certa norma, abrindo precedente para a aplicação de sanções.

O desvio, em uma primeira perspectiva, portanto, foi estudado através da análise patológica (Becker, 2008, p. 19). Nesse âmbito de análise, ações e sujeitos

² Na teoria sociológica de Durkheim, o estado de anomia é o processo em que o autor nota uma maior tendência ao desvio, associada a falta ou fraqueza das normas sociais impostas.

desviantes são considerados doenças – patologias, justamente – a serem devidamente punidas ou tratadas. Nos estudos do desvio associado a essa tradição de entendimento, a sociedade é frequentemente vista como um organismo social funcional, na qual as patologias são entendidas como desvio da norma, como desorganização social.

Consideram [os sociólogos] a sociedade (...) e perguntam se há nela processos em curso que tendem a diminuir sua estabilidade, reduzindo assim sua chance de sobrevivência. Rotulam esses processos de desviantes ou os identificam como sintomas de desorganização social. [sociólogos] Discriminam entre aqueles traços da da sociedade que promovem estabilidade (e são portanto, “funcionais”) e os que rompem a estabilidade (e são portanto “disfuncionais”). (Becker, 2008, p. 20)

O desvio tratado como patologia supõe, então, a pré-existência de um comportamento considerado funcional para um “organismo” social. As análises de casos de desvio e comportamentos desviantes por Émile Durkheim, e sua sociologia funcionalista influenciada pelas ciências naturais, considera a sociedade como um “organismo” dotado de funções, em que se admite a existência de desorganização e desvios de tal funcionalidade. Durkheim chama de “anomia” (Ribeiro, 2012) a esse processo de desorganização social, sendo um dos primeiros sociólogos a tratar sobre o tema na perspectiva funcionalista.

Em um segundo momento, os estudos sobre o desvio ganham destaque no início do séc. XX através do departamento de estudos sociais da Universidade Chicago, em que novas perspectivas e análises sociais sobre o desvio são engendradas. Em uma interessante dualidade, a cidade de Chicago e seu exponencial crescimento³ através da imigração, ao mesmo tempo em que a Universidade de Chicago recebe diversos investimentos particulares “concebida para ser a melhor” (Lima, 2001, p. 186), ambienta um terreno fértil para estudos sobre comportamentos desviantes e sua distribuição no espaço urbano, especialmente em espaços urbanos deteriorados. Logo, os primeiros estudos buscavam relacionar justamente a relação entre a transgressividade e o espaço urbano, iniciando o que posteriormente foi conhecido como “Escola de Chicago”.

A Escola de Chicago deu origem a uma forma de análise do desvio fortemente correlacionada com o espaço físico urbano e seu crescimento, característica expressa nos trabalhos de Burgess e Park. Preocupados com a manutenção da coesão social em momento de grandes transformações na cidade os autores observaram novos “problemas sociais” emergindo daquele quadro, como o “divórcio, a delinquência e o descontentamento social” (Burgess, 2017, p. 62), problemas esses, que estariam

³ Seu crescimento é verificado claramente na virada do século, entre o último quartel do século XIX e primeiro quartel do século XX.

associados ao próprio ambiente urbano. Ao apresentar tal perspectiva de análise social, os estudiosos da Escola de Chicago associam a questão desviante para além da patologia, em que admitem uma relação entre estruturas da sociedade e o impacto dessas frente ao comportamento individual.

No entanto, a Escola de Chicago irá concretizar seus esforços para a formulação de um conceito de desvio apenas no que seria denominado a “terceira geração” de pesquisadores de Chicago (Diniz Filho, 2014, p. 329). Nesse sentido, autores como Erving Goffman e Howard Becker – associados, também, ao interacionismo simbólico – iriam mesclar as análises da Escola de Chicago à teorias do comportamento e do desvio.

Nesse sentido, veremos como Howard Becker articulou um novo pensamento sobre o desvio, o qual, indo além de estudos de comportamento, cria a “Teoria da Rotulação”. Para Becker, o sujeito considerado desviante, mais que um indivíduo que detém um comportamento ou ação desviante, é o resultado da rotulação dada pela sociedade como desviante, ou seja, ele é associado como desviante pois outras pessoas propriamente os define como tal (Becker, 2008, p. 21-22); o ato desviante, nesse caso, só se configura no momento em que o indivíduo é julgado assim por outros indivíduos.

Becker, ademais de sua teoria da rotulação, propõe uma nova análise no que tange ao desvio, considerando os valores e regras da sociedade para a denominação de desviante. O autor entende que grupos sociais podem definir o que é visto como “desviante” e como, possivelmente, outros grupos não aceitem tal rotulação, sendo categorizados como “Outsiders” (Becker, 2008, p. 27.). Sendo assim, Becker (2008), ao rotular grupos que mantêm um comportamento desviante como *outsiders*, entende que tais grupos por si podem criar suas próprias regras e normas. Nesse processo, seria possível reconhecer o estabelecimento de subculturas e grupos que partilham de um mesmo comportamento desviante (Becker, 2008, p.49).

Por sua vez, Goffman, em “Estigma” (1988), trata, junto a análise do estigma e identidade, como o desvio é percebido nas relações cotidianas. Para Goffman, o estigma é a forma em que o indivíduo é percebido primeiramente nas relações cotidianas, em que tal percepção, associada a um traço característico do sujeito, seria definidor de como será tratado (Goffman, 1988). Nesse sentido, pessoas com características “não normativas” seriam “estigmatizadas” (Goffman, 1988). A concepção

de estigma nas relações cotidianas, seria para Goffman uma relação direta com o que o autor considera como “desvio social” (Goffman, 1988).

Tendo em vista essa discussão previamente apresentada, o presente capítulo será reservado para a apresentação da sociologia do desvio. Primeiramente, será discutido o desvio na perspectiva do funcionalismo, trazendo ao debate Émile Durkheim e Herbert Blumer; posteriormente, se analisará como os estudiosos da Escola de Chicago, a rigor, Erving Goffman e Howard Becker, estudaram o desvio em suas respectivas metodologias. Por último, será levantado as devidas contribuições feitas em relação ao comportamento desviante relacionado a grupos e subculturas com a finalidade de compreender como se estabelecem esses agrupamentos.

1.1 A PERSPECTIVA PATOLÓGICA: ÉMILE DURKHEIM E A TRADIÇÃO FUNCIONALISTA

Sendo um dos primeiros autores preocupados com a institucionalização da sociologia como ciência, Émile Durkheim, vendo as transformações econômicas e sociais na Europa do século XIX, articula um pensamento que busca compreender como se configuram as entidades sociais. Influenciado por autores como Saint Simon, Auguste Comte, Herbert Spencer e Immanuel Kant, Durkheim – em viés do positivismo – engendra uma teoria, altamente influenciada pelas ciências biológicas, que analisa a sociedade como um corpo dotado de funções. No decorrer de sua carreira como cientista, Durkheim aborda uma multiplicidade de campos dentro da sociologia, partindo desde a metodologia até estudos específicos, como a religião. Nas próximas páginas, será destacado como Durkheim abordou o conceito de desvio em seus trabalhos.

Associado à tradição funcionalista, Durkheim entende o “desvio social” como componente do funcionamento da sociedade. A teoria sobre o desvio durkheimiana aparece, principalmente, em dois trabalhos clássicos: *Da Divisão do Trabalho Social* (1893) e *O Suicídio* (1897). No primeiro, Durkheim discute formas patológicas de relação social como resultado da divisão do trabalho; no segundo texto citado, estuda e analisa o caso do suicídio como um comportamento desviante. Nesse sentido, para a compreensão de como Durkheim trata o desvio em sua sociologia, é necessário abordar dois conceitos que perpassam o pensamento durkheimiano: a transformação social advinda da divisão do trabalho e o estado de “anomia”.

De antemão, vale destacar como Durkheim percebe como a sociedade se fundamenta e se mantém coesa. Como citado, um importante fragmento do pensamento de Durkheim sobre a sociedade envolve como o autor percebe a importância da divisão do trabalho na constituição da mesma: o é essencial para a formação da sociedade (Durkheim, 1999, p. 14). Segundo Durkheim, o desenvolvimento das forças produtivas e a destreza do trabalhador – características do trabalho no capitalismo – impulsiona a sociedade para níveis de desenvolvimento avançados, tanto intelectual quanto materialmente. No sentido do “organismo social”, a divisão do trabalho possibilita a reverberação de funções específicas entre indivíduos, traduzindo-se em uma maior complexidade da sociedade.

Ademais, além da esfera econômica, a divisão do trabalho resultaria em uma mudança na ordem moral e individual da sociedade: a solidariedade. Em consequência da divisão do trabalho, Durkheim considera que as relações humanas estariam mais estreitadas devido à especialização de tarefas (Durkheim, 1999, p. 28-29), que, por sua vez, geraria uma mutualidade entre os sujeitos na sociedade.

Portanto, é a repartição contínua dos diferentes trabalhos que constitui principalmente a solidariedade social e que se torna a causa elementar da extensão e da complicação crescente do organismo social. (...) Ela não serviria apenas a dotar nossas sociedades de um luxo, invejável talvez, mas supérfluo; ela seria uma condição de sua existência. Por ela, ou pelo menos, sobretudo por ela, é que seria garantido sua coesão; ela é que determina as características essenciais da sua constituição. Por isso mesmo, e embora ainda não estejamos em condições de resolver a questão com rigor, podemos entrever desde já que, se é esta de fato a função da divisão do trabalho, ela deve ter um caráter moral, porque as necessidades de ordem, harmonia, de solidariedade social são geralmente tidas como morais. (Durkheim, 1999, p.29-30).

As relações sociais, indo além da mera semelhança de tradição e valores, e se complexificando através da divisão do trabalho, cria uma sociedade interdependente, em que cada parte é dotada de funções – justamente, de acordo com o organismo social durkheimiano – e conseqüentemente se tornam solidárias⁴. Por último, Durkheim admite que a sociedade tende a desenvolver as formas de solidariedade com a expansão da divisão do trabalho capitalista: “É, pois, uma lei da história a de que a solidariedade mecânica (...) perde terreno progressivamente e que a solidariedade orgânica se torna pouco a pouco preponderante.” (Durkheim, 1999, p. 157). Por último, se determina que a

⁴ A solidariedade, ainda, é separada entre mecânica e a orgânica (Durkheim, 1999): a solidariedade mecânica, presente em sociedades “pré-capitalistas”, com pouco nível de individualidade e especialização, tem oposição com a solidariedade orgânica, a qual apresenta, com o advento da industrialização e capitalismo, uma maior divisão de tarefas entre os indivíduos da sociedade, homogeneizando as relações sociais.

solidariedade social estabelece os valores e normas vigentes na sociedade, construindo as instituições necessárias para o funcionamento do organismo social.

Em “*Da Divisão do Trabalho Social*” (1893), Durkheim descreve um processo antagônico ao apresentado, em que a divisão do trabalho, ao contrário da solidariedade, produz anomia social. A forma “anômica” da divisão do trabalho, aparece em concordância com a passagem da solidariedade mecânica para a orgânica; a particularidade do estado de anomia, nesse caso, é que esta é um fenômeno “patológico”, ou seja, que desviam da solidariedade social, como o “criminoso ou outras profissões nocivas” (Durkheim, 1999, p. 368) no caso individual, ou as crises econômicas e sociais, em relação à estrutura. No mais, Durkheim considera que a anomia acompanha as transformações sociais da modernidade, gerando conflitos e desregulação.

Uma transformação social muito brusca advinda com a industrialização, o crescimento da concorrência e da luta entre os diversos setores da economia e a falta de regulamentação por órgãos públicos possibilitam as crises industriais e as falências, o antagonismo entre trabalho e capital, as desigualdades sociais e a divisão do trabalho forçada, gerando “rupturas parciais” na solidariedade orgânica e o estado de desregramento e anomia social. (Ribeiro, 2014, p. 19).

É pois, no estado de anomia que, segundo Durkheim, a solidariedade se enfraquece e, a partir desse processo, observam-se nas relações sociais fenômenos e comportamentos desviantes.

No mais, em “*O suicídio*” (1897), Durkheim acrescenta o debate sobre comportamentos desviantes e o estado anômico. Buscando compreender o aumento das taxas de suicídio na Europa, Durkheim (2000) analisa como o comportamento da sociedade pode influenciar na agência do indivíduo; o estado de anomia social, nesse estudo, é apresentado como um dos fatores que influenciam no suicídio (Durkheim, 2000). Nesse caso, a pessoa, envolta por um cenário de “desregramento moral” (Ribeiro, 2014, p. 21) e de pouca coesão – resultado das crises econômicas – se vê incerto do futuro e da integridade econômica. Diante da incerteza, observa-se o estado de anomia social. Durkheim nota um aumento nas taxas de suicídio, refletindo a influência de fatores estruturais nas ações humanas.

Por fim, em “*O Suicídio*”, Durkheim (2000) adiciona que comportamentos desviantes ou criminosos são considerados normais na sociedade, no sentido que são esperados. A existência de tais comportamentos, além de normais, são necessários para o funcionamento da sociedade (Durkheim, 2000, p. 473); no entanto, ele é útil para o organismo social no sentido de que ele serve como parâmetro para a coerção de ações e

agentes desviantes ou criminosos. Portanto, seria inimaginável uma sociedade que não dispusesse de nenhum crime ou desvio.

Em suma, podemos concluir que a sociologia do desvio de Durkheim trata o desvio como um fenômeno patológico dentro das “funções” de seu organismo social. Durkheim admite o desvio como um fenômeno normal – afinal, conceber uma sociedade sem crimes ou desvio seria impossível –, e também nota que, no estado de “anomia social”, comportamentos desviantes e criminosos tendem a crescer, desestabilizando o funcionamento da sociedade.

A influência da sociologia do desvio durkheimiana, no mais, chega até os Estados Unidos, a qual incorpora inicialmente a perspectiva funcionalista na análise sobre o desvio. Também, autores estadunidenses como Talcott Parsons e Robert Merton viriam a fundar o que seria conhecido como “estrutural-funcionalismo”; teoria esta, que viria a disseminar nos Estados Unidos a perspectiva patológica do desvio. No entanto, é com a Escola de Chicago e, posteriormente, o interacionismo simbólico – associado a autores como Howard Becker e Erving Goffman – que análises sobre o comportamento desviantes são ainda mais debatidos, indo além da análise patológica e funcionalista.

1.2 ESCOLA DE CHICAGO: DOS ESTUDOS DA DELINQUÊNCIA E A FORMULAÇÃO DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

A “Escola de Chicago”, como é conhecida, foi popularizada no século XX por diversos autores e trabalhos sociológicos associados ao Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago.

Desde sua fundação em 1895, a Universidade de Chicago contou com o departamento de Sociologia, a qual obteve destaque, em um primeiro momento, com os cientistas sociais Robert Ezra Park, Ernest Burgess, Herbert Blumer, Louis Wirth, Everett Hughes, e, em um segundo momento, Erving Goffman e Howard Becker. Com estudos profundos sobre a cidade de Chicago e suas transformações, fenômenos como a “delinquência” e a criminalidade ganharam destaque (Becker, 1996, p. 177-178).

Embora a “Escola de Chicago” seja mais popularmente associada a autores ligados interacionismo simbólico (Becker, 1996, p. 186), principalmente a Blumer, Goffman, Becker (1996) demonstra que a Universidade de Chicago teve diferentes

abordagens no que tange a análise sociológica no século XX, em que podemos identificar duas gerações de pensamento social.

Em um primeiro momento é possível se deparar com as análises de Robert Park e as análises sobre a cidade e fenômenos urbanos, como a “delinquência”. Park pensa que as estruturas da cidade impactam diretamente em como o indivíduo se comporta no meio urbano; Esse processo interessaria Park e seus colegas – Ernest Burgess, Albion Small, Donald Pierson etc –, que buscavam as causas da criminalidade e delinquência sob essa perspectiva (Becker, 1996, p. 181).

Entre esses estudos, podemos citar a perspectiva de Burgess sobre a expansão “ecológica” – no sentido do crescimento biológico – do meio urbano, em que o crescimento das cidades e as experiências relativas a esta estariam intrinsecamente conectados com comportamentos desviantes.

A mobilidade da vida urbana, com seu aumento no número e na intensidade dos estímulos, tende inevitavelmente a confundir e a desmoralizar a pessoa. Pois um elemento essencial nos costumes e na moralidade pessoal é a consistência, a consistência do tipo que é natural no controle social do grupo primário. Onde a mobilidade é maior e onde, em consequência, os controles primários se desestruturaram completamente, como na zona de deterioração da cidade moderna, desenvolvem-se áreas de desmoralização, de promiscuidade e de vício. Em nossos estudos da cidade se constata que as áreas de mobilidade são também as regiões em que se encontram fenômenos como delinquência juvenil, gangues de meninos, pobreza, criminalidade, deserção da esposa, o divórcio, crianças abandonadas, o vício. (Burgess, 2017, p. 69).

Portanto, indo além da patologia social, os autores dessa geração da Escola de Chicago percebiam uma influência da estrutura urbana sobre o comportamento do indivíduo.

A partir desses estudos, observa-se o desenvolvimento de novas perspectivas analíticas, principalmente aquilo que viria a ser popularizado como o interacionismo simbólico.

Visando o estudo do comportamento humano, o interacionismo simbólico é uma corrente sociológica que recebe influência das proposições de psicologia social do filósofo estadunidense George Herbert Mead sobre o “si mesmo” e a sociedade (Becker, 1996, p. 183), em que considerava a agência humana como um resultado de “ações construídas” (Blumer, 1981, p. 44). Na Universidade de Chicago, diversos autores como Herbert Blumer, Louis Wirth, Robert Redfield e Everett Hughes, trabalharam em temas que viriam a constituir o interacionismo simbólico como uma ferramenta analítica da ação e interação humana no cotidiano. O interacionismo simbólico, como será visto, foi o ponto de partida do surgimento dos estudos sobre a sociologia do desvio que serão analisados

neste capítulo, a Teoria da Rotulação e do Estigma, de Howard Becker e Erving Goffman, respectivamente.

Nesse sentido, é interessante trazer alguns pontos de reflexão sobre a abordagem do interacionismo simbólico. Blumer, responsável pela disseminação do termo “interacionismo simbólico”, apresenta três pontos principais que norteiam a abordagem interacionista: primeiro, que a ação humana está intrinsecamente conectada aos significados que esta representa; segundo, que os significados e valores surgem justamente na interação social; por último, que os significados se modificam conforme a interpretação desses (Blumer, 1982, p. 2). Portanto, podemos categorizar o interacionismo simbólico como uma ferramenta de análise das interações sociais cotidianas, em que, nessa relação, há a produção de significados a qual os indivíduos baseiam suas ações.

Ao considerar o indivíduo nos processos sociais, o interacionismo simbólico permitiria novas perspectivas sobre as dinâmicas da sociedade. Ambas as perspectivas que serão abordadas em seguida – teoria da rotulação e do estigma – tratam dos atores sociais que criam o desvio e também como os sujeitos desviantes encaram a norma.

1.3 TEORIA DA ROTULAÇÃO E ESTIGMA: DESVIO NA PERSPECTIVA DE HOWARD BECKER E ERVING GOFFMAN

A partir do levantamento anterior acerca da Escola de Chicago e seu ramo de estudo do interacionismo simbólico, será visto adiante como autores associados à tradição interacionista trouxeram novas concepções frente ao desvio social e como esse se manifesta na sociedade. Portanto, trataremos de elucidar como o desvio social aparece principalmente nas obras *Estigma*, de Erving Goffman (2008) e *Outsiders*, de Howard Becker (2008), em que o desvio é um fenômeno associado às relações sociais.

Em um primeiro momento, é importante considerar as formulações de Howard Becker sobre a teoria da rotulação e sua definição de *outsiders* (Becker, 2008). Becker, influenciado pela escola de Chicago, engendra uma nova perspectiva de análise para o comportamento desviante, evitando análises médicas ou estatísticas, afastando-se, por conseguinte, das concepções patológicas e criminológicas; nesse sentido, se identifica com uma definição relativista sobre o desvio, em que o considera uma “falha em obedecer as regras do grupo” (Becker, 2008, p. 20). No mais, Becker vai

além, entendendo o desvio como o resultado de uma dinâmica de ações e reações na sociedade na qual se constitui a percepção de desvio.

[...] *grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e, ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (Becker, 2008, p. 21-22, grifo nosso).*

O desvio, nessa perspectiva, portanto, mais que um ato ou comportamento transgressivo, é a qualificação e rotulação de desviante pelas outras pessoas. Portanto, esse entendimento possibilita uma nova maneira de tratar comportamentos desviantes, ao considerar que o processo de rotulação é regido por valores e regras que vigoram em determinados grupos sociais e que, por fim, determinam as sanções; essas regras, por sua vez, podem ser tanto impostas por leis quanto por convenção. É nessa condição que Becker (2008) traz a categorização de *outsiders*, indivíduos rotulados como desviantes.

A definição de sujeitos desviantes como *outsiders*, por conseguinte, é importante para enfatizar como Becker analisa o comportamento em uma perspectiva de rotulação. Como citado, os grupos e o contexto social interpretam se um indivíduo é desviante ou não; mas, Becker (2008) adiciona que as regras sociais são criações de “grupos sociais específicos” (Becker, 2008, p. 27), em que se sancionam os comportamentos em vigor considerados normativos. A capacidade de imposição de regras, por sua vez, é interpretada como uma questão de poder, tanto econômico quanto político (Becker, 2008, p.29), definindo a norma em cada sociedade através do poder da sanção. Os *outsiders*, nessa dinâmica, são aqueles que não aceitam ou divergem na interpretação de uma regra imposta por algum grupo social, assumindo um comportamento desviante.

Com isso, o outsider, caracterizado para além de sua ação, é um indivíduo que foi rotulado como desviante. Para Becker (2008), então, o rótulo de desviante é essencialmente uma “consequência da reação dos outros” (Becker, 2008, p. 22), partindo da perspectiva que o ator está infringindo justamente uma regra aplicada pelo grupo social – ou a cultura – dominante.

Compreendendo que a rotulação de desvio se dá em contexto social, Becker (2008) esquematiza categorias, expostas no quadro abaixo (Quadro 1), que

podem servir para a interpretação de um comportamento como desviante, no sentido de inadequação para a regra.

Quadro 1 - Tipos de comportamento desviante

	Comportamento apropriado	Comportamento infrator
Percebido como desviante	Falsamente acusado	Desviante puro
Não percebido como desviante	Apropriado	Desviante secreto

Fonte: Becker, 2008.

No Quadro 1, podemos observar categorias que condizem com a percepção do indivíduo com base em seu comportamento. Duas dessas categorias, comportamento *apropriado* e *desviante puro* se interpretam como casos extremos, em que, no primeiro caso, o indivíduo é percebido e se comporta de maneira apropriada e, no segundo, é visto por outrem como desviante e apresenta um comportamento infrator. Duas outras categorias apresentadas por Becker são o *falsamente acusado* e o *desviante secreto*; tais categorias são interessantes de serem analisadas, pois demonstram como a percepção do desvio é relativa à percepção dos “outros”. No caso do *falsamente acusado*, por exemplo, trata-se de um indivíduo que não infringiu nenhuma regra, mas é rotulado como infrator – caso que ocorre até em âmbitos legais –, por outro lado, o *desviante secreto* seria o indivíduo que comete atos considerados desviantes, mas não percebidos (Becker, 2008, p. 32), como o caso de um pixador que não foi sancionado por sua ação. As categorias citadas, por fim, reforçam como Howard Becker trata o desvio como uma interpretação de outros, que aplicam sanções para comportamentos considerados não-normativos.

Uma última consideração acerca da teoria do desvio social de Howard Becker é como o autor analisa uma possível análise do desvio através de modelos sequenciais. Nesse caso, Becker assume a posição que um indivíduo atravessa por diferentes “passos” (Becker, 2008, p. 34), no sentido que tendência sua agência para um comportamento desviante em uma sequência de ações; Becker exemplifica o modelo de análise sequencial através do usuário de maconha, em que este segue certos passos até se tornar um usuário frequente: a vontade de experimentar, a disponibilidade desta, o primeiro contato, até o uso frequente. À vista disso, Becker (2008) chega a argumentar

que o sujeito, confrontado pelos meios de sanção e da própria rotulação de desviante, alavancam um comportamento desviante ainda maior (Becker, 2008, p. 42).

Tratar uma pessoa como se ela fosse em geral, e não em particular, desviante produz uma profecia auto-realizadora. Ela põe em movimento vários mecanismos que conspiram para moldar a pessoa segundo a imagem que outros têm dela. Em primeiro lugar, após ser identificada como desviante, ela tende a ser impedida de participar de grupos mais convencionais, num isolamento que talvez as consequências específicas da atividade desviante nunca pudessem causar por si mesmas caso não houvesse o conhecimento público e a reação a ele. (...) O comportamento é uma consequência da reação pública ao desvio, não um efeito das qualidades inerentes ao ato desviante.

Expressa de maneira mais geral, a questão é que o tratamento dos desviantes lhes nega os meios comuns de levar adiante as rotinas da vida cotidiana acessível à maioria das pessoas. Em razão dessa negação, o desviante deve necessariamente desenvolver rotinas ilegítimas. (Becker, 2008, pp. 44-45).

Dessa maneira, se supõe que existem diferentes variáveis que impactam na pessoa, em que a cada passo, esse tem cada vez mais consciência de seu comportamento desviante, construindo uma “identidade” desviante. Um último elemento, associado à carreira de desviante seria a associação dos atores em grupos que partilham do mesmo comportamento. Sobre esse ponto, nos debruçaremos na próxima seção, ao tratarmos de grupos e subculturas desviantes.

Goffman (2008), que veremos adiante, ao tratar do estigma social, considera a possibilidade de identidades desviantes de indivíduos estigmatizados. Goffman (2008), preocupado em seus estudos com a interação e relação social, articula o conceito de “estigma” como um elemento particular das relações cotidianas que restringem indivíduos portadores dessa característica, tanto em prestígio social quanto em suas interações. A partir do conceito de estigma, Goffman (2008) percebe um possível entrelaçamento entre sua ideia de estigmatizados e desvio.

De antemão, portanto, vale destacar como se conforma a identidade estigmatizada, e como, com efeito, impacta nas relações cotidianas. Para Goffman (2008), estigma é uma característica de um sujeito que é imediatamente percebida por outro, seja uma condição física, como uma deficiência, seja individual, de personalidade, ou de “raça, nação e religião” (Goffman, 2008, p. 14); no entanto, além do estigma ser uma característica pessoal, esse se torna uma “marca” imediatamente associada ao indivíduo que a comporta, sendo uma característica imediatamente notada pelo outro, qualificando uma abordagem diferente do normativo. A partir dessa concepção, Goffman (2008) assume a existência de sujeitos estigmatizados no cotidiano.

A noção de estigma, e pessoa estigmatizada, proposta por Goffman (2008) está relacionada com o desvio social, admitindo a particularidade de ser um traço pessoal. Para o autor, o sujeito estigmatizado é de fato um desviante, no entanto, assume que o estigmatizado não quebrou, de fato, nenhuma regra, pois o indivíduo portador não tem controle sobre sua categorização de estigmatizado. A característica que ele carrega é um estigma, encontrada fora do rol de expectativa dos demais.

Pode-se tomar como estabelecido que uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas. Quando uma regra é quebrada, surgem medidas restauradoras; o dano termina e o prejuízo é reparado, quer por agências de controle, quer pelo próprio culpado. Entretanto, as normas com que lida esse trabalho referem-se à identidade ou ao ser, e são, portanto, de um tipo especial. O fracasso ou o sucesso em manter tais normas têm um efeito muito direto sobre a integridade psicológica do indivíduo. Ao mesmo tempo, o simples desejo de permanecer fiel à norma – a simples boa vontade – não é o bastante, porque em muitos casos o indivíduo não tem controle imediato sobre o nível em que apóia a norma. (Goffman, 2008, p. 138-139)

Nesse sentido, Goffman (2008) propõe que as identidades estigmatizadas devem ser consideradas como “desviantes normais” (Goffman, 2008, p. 148), considerando que a sua existência, e não sua ação, viola as normas sociais. É o caso de estigmas atribuídos a aspectos físicos, a qual o indivíduo pode não ter controle sobre tal característica.

Em suma, podemos observar como o desvio social é analisado nas obras de Goffman e Becker além dos estudos de comportamento. Ao ir além de tratar os sujeitos como patologia, Becker (2008) e Goffman (2008) percebem que comportamentos não-normativos são associados à rotulações configuradas a partir de relações sociais, em que, a partir de uma interpretação de determinada norma, pensam certos comportamentos e indivíduos como desviantes. Diniz Filho (2014) ainda considera, que os estudos de Goffman e Becker se entrelaçam, no sentido que Goffman parte de uma perspectiva “micro” – do indivíduo estigmatizado e como se comporta nas relações – enquanto Becker busca compreender o “macro” – como se configura a rotulação de desvio –, convergindo no sentido do desvio social como uma construção a partir da normatividade.

Também, vale perceber a existência de conflitos em ambas as obras. Becker (2008), analisa como certos grupos sociais definem normas e aplica sanções a comportamentos desviantes, enquanto os *outsiders* – desviantes – entendem as regras como divergentes da norma; Goffman (2008), por outro lado, parte de como os indivíduos, normalizados ou estigmatizados, se comportam nas interações. Nelas, o estigmatizado

procura constantemente se adequar à norma, conformando um conflito entre o *eu* e o *outro*. Portanto, o desvio na perspectiva interacionista se diferencia de perspectivas que tratam desvio como uma patologia de um sistema, como vimos anteriormente, por outro lado, mostra como os grupos sociais definem normas que podem ser quebradas por não enquadrarem diferentes perspectivas, em que os atores conscientemente vão contra as regras impostas. Velho (1999) corrobora sob esse olhar, acrescentando que o desvio é uma reação contra a norma sociocultural, criando um comportamento desviante: certos grupos sociais realizam determinadas “leituras” do sistema sociocultural. Fazem parte dele e, em função de sua própria situação, posição, experiências, interesses etc., estabelecem regras cuja infração cria o comportamento desviante.” (Velho, 1999, p. 23)

Sendo visto como o desvio pode ser analisado a partir da perspectiva da interpretação de regras e normas, veremos na próxima seção um elemento a mais associado à sociologia do desvio: a conformação grupos e subculturas desviantes.

1.4 SUBCULTURAS DESVIANTES

A partir dos estudos levantados sobre o desvio social, podemos concluir que as proposições do interacionismo simbólico, principalmente de Howard Becker, representaram perspectivas interessantes na análise do desvio. Assumindo que o rótulo de desvio é resultado de uma dinâmica entre atores em uma sociedade, é possível, então, compreender como se conformam grupos e subculturas que partilham de um comportamento ou aparência desviante em relação à norma.

Primeiramente, vale sublinhar o que se configura num grupo como subcultura. Bourdieu (1989) discorre sobre subcultura na perspectiva da existência de uma cultura dominante, em que, qualquer sistema de crenças e valores que se distinguem dos preceitos normativos, são caracterizados como subculturas. Também, a subcultura é frequentemente associada ao meio urbano, caracterizando grupos sociais que partilham de comportamentos e valores específicos, em muitos casos, relacionados à música, moda, cinema, sexualidade etc; portanto, são categorizados como subcultura o punk, skinhead, gótico, hippie, beatnik, o funk e o hip-hop.

Os indivíduos associados à uma subcultura tendem, então, a participar e se relacionar com outras pessoas que compartilham do mesmo estilo, estética e comportamento, formando, frequentemente, grupos e espaços de manifestação da

subcultura. Determinadas subculturas, ainda, são notadamente caracterizadas por seu aspecto desviante, seja em comportamento ou no visual, como o caso da subcultura punk⁵. Entendemos que essa abordagem pode ser associada à ideia de Goffman (2008), a qual além da ação, uma vestimenta pode acarretar em uma rotulação de estigmatizado pela norma social.

Figura I - Punks integrantes da banda “GBH”, formada em Birmingham, na Inglaterra, em 1978.



Fonte: Érica Echenberg/Redferns, 2019.

Becker (2008), ao tratar da carreira desviante, demonstra como os indivíduos rotulados de desviantes se associam entre si, formando subculturas desviantes. Como discutido anteriormente, Becker (2008) argumentou que um indivíduo, após cometer uma ação desviante, depende de múltiplas variáveis para continuar em um contexto de desvio social; Becker nota, então, como o ingresso de um indivíduo em um grupo organizado, que comete o mesmo tipo de desvio, transforma o ator em um desviante racionalizado, justificando – para si – a razão de cometer o desvio, embasando seu comportamento na ação realizada pelo grupo. Esses grupos ou subculturas, por sua vez, criam ideologias e identidades desviantes.

Membros de um grupo desviante têm, claro, algo em comum: o desvio. Ele lhes dá um sentimento de destino comum, de estar no mesmo barco. A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos

⁵ A subcultura punk envolve, além dos visual, um movimento musical e político, iniciado em 1976. Presente, no seu início, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos, o movimento punk se fundava ideologicamente a partir dos preceitos do Anarquismo e do “Do It Yourself” – faça você mesmo –, a qual os jovens associados ao movimento difundiam tais ideais em músicas e atitudes. Como veremos nos próximos capítulos, o movimento punk influenciou a pixação.

problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: um conjunto de perspectivas e entendimentos sobre como é o mundo e como se deve lidar com ele (...). O pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante. (Becker, 2008, p.48)

A justificativa do comportamento desviante, aliado à associação em um grupo, coloca o agente sob a dúvida das normas vigentes. Nessa perspectiva, os grupos e os indivíduos desviantes, ao irem contra as convenções e normas, apresentam um comportamento divergente do convencional e se inserem em um terreno de disputa política (Velho, 1999, p. 23). Velho (1999), ademais, sustenta tal ponto, argumentando que o desvio é uma reação à imposição de um sistema sociocultural, admitindo um conflito de poder entre a norma estabelecida e seus sustentadores, de um lado e, de outro, a rebeldia daqueles que a transgride; Becker (2008), como vimos anteriormente, também admite um embate entre percepções de regras na vida social. Portanto, podemos concluir que as subcultura desviantes, mais que casos de “delinquência” ou “inadequação”, são grupos que adotam uma postura contrária às regras e criam uma interpretação particular sob uma norma, engendrando suas próprias regras.

Existem facções dos mais diferentes tipos em qualquer sociedade humana, fazendo com que, mesmo em grupos tecnologicamente menos sofisticados, se encontre o fenômeno da política. Há uma permanente possibilidade de confrontos a partir de divergências, pelo menos potenciais. É claro que é preciso constatar concretamente que sociedades apresentam que tipos de conflitos. Na medida em que se aceite a existência do Poder em qualquer grupo social, constata-se uma tensão permanente entre os seus atores. Tal tensão pode explicitar-se através de conflito entre linhagens, luta de classes etc., no nível mais amplo do sistema social. (Velho, 1999, p. 24)

Foram diversos os estudos sociológicos que estudaram subculturas na perspectiva do desvio social utilizando as metodologias apresentadas neste capítulo. Autores associados à Escola de Chicago, como vimos, se preocupavam com o estudo das gangues juvenis de Chicago, sob a ótica da “delinquência”; por sua vez, Becker analisa em “Outsiders” (2008) a subcultura formada por músicos de casas noturnas, a qual é considerada desviante, apesar de não cometer nenhum crime.

Por fim, buscamos neste capítulo trazer a discussão como o desvio foi analisado nas perspectivas sociológicas. Em uma primeira abordagem, tratamos da perspectiva durkheimiana, em que, ao tratar do desvio, conceitua que este é resultado de uma “patologia” da sociedade e é causa do estado de anomia. Por outro lado, vimos como o interacionismo simbólico, advindo da Escola de Chicago e abordado na perspectiva de Becker e Goffman, contribuíram na sociologia do desvio ao definir como as relações sociais – seja pelo estigma ou rótulo – categorizam atores sociais como desviantes. Por último, neste capítulo, discorreremos sobre a admissão da existência de subculturas

desviantes, observando como determinados grupos sociais podem questionar as normas sociais vigentes.

Tendo em vista o levantamento, podemos tratar, a seguir, como se conformou a pixação, partindo de um apanhado histórico das diferentes formas de uso do espaço urbano para a manifestação individual. A partir dessa escolha, trataremos a seguir como as abordagens a respeito do desvio podem ser usadas para entender o comportamento e a ação de indivíduos que participam da subcultura dos pixadores.

2. PICHANÇA, GRAFITE E PIXO: AS DIFERENTES TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E A PARTICULARIDADE DA PICHANÇA NO BRASIL

As intervenções visuais e artísticas no espaço urbano é um fenômeno que não se limita à cidade contemporânea. Autores como Giulio Argan (2008), em “História da Arte Como História da Cidade”, sustenta a tese que tanto a arte é inerente à cidade como a atividade da arte é “tipicamente urbana” (Argan, 2008, p. 2), desde suas origens. Mas, mais que analisar como a arte é reflexo de um ambiente urbano, e a própria discussão do valor artístico, é interessante observar como os aglomerados urbanos são vistos como espaços de apropriação e coletivização; ademais, entender como grupos marginalizados, como grafiteiros e pixadores, utilizam desses espaços para a expressão individual.

É indispensável, então, trazer para a discussão Henry Lefebvre (2008) e David Harvey (2009), autores de tradição marxista, que entendem e analisam a cidade como atrelada diretamente às dinâmicas do capitalismo. Ambos os autores, a partir da economia política, compreendem esta dinâmica através dos conceitos de valor de troca e de uso marxista; nesse sentido, a cidade é resultante de dinâmicas conflitivas de classe (Pereira, 2017). A cidade, impulsionada pelo desenvolvimento das forças capitalistas, antagônicas por sua natureza, abstrai da classe trabalhadora o direito de usufruir de espaços urbanos, inserida em um contexto semelhante ao valor de troca: a cidade apenas existiria para a esfera comercial, transformada em mercadoria.

Para elucidar esse processo que coloca a produção do espaço urbano como parte dos processos capitalistas, Lefebvre engendra o conceito de “direito à cidade” (2008). Observando os movimentos estudantis da França, como no movimento Maio de 68 (ver Figura II), Lefebvre entende que o espaço urbano criado pelo capitalismo é essencialmente segregado. Nele, a possibilidade da modificação da paisagem urbana e o usufruto desta é restrito para determinados grupos sociais. O autor, então, reivindica a cidade como valor de uso, em que o proletariado possa tomar parte dos processos de construção e coletivização do espaço (Lefebvre, 2008, p. 140).

Figura II - Pichação relativa ao movimento de Maio de 1968, na França. Na imagem, se lê: “Viva a greve, viva a união dos estudantes, viva o marxismo”



Fonte: The Telegraph, 2018.

A expressão individual ou coletiva se estabelece no meio urbano a fim de ocupar tais espaços da cidade através do uso da palavra escrita e da imagem. E são inúmeros os exemplos ao longo da história, desde a assim chamada arte pictográfica rupestre, que tem suas primeiras formas no neolítico, até o grafite contemporâneo. Mais que a forma artística, é interessante compreender o papel político e de manifestação individual que as diferentes expressões carregam. Pretendemos, neste capítulo, trazer algumas formas de pichação ao longo da história, desde inscrições da Antiguidade ao uso de aerossóis. Finalmente, trataremos da pichação na contemporaneidade e como essa se manifesta.

Posteriormente, será abordado o *graffiti*⁶, sendo um elemento constitutivo do hip-hop, que posteriormente chega no Brasil. O grafite é uma expressão artística nas cidades contemporâneas, em que os indivíduos, através de assinaturas – ou *tags*⁷ – ou murais, geralmente coloridas, ocupam e as inscrevem em espaços urbanos. No entanto, o

⁶ Graffiti, do inglês, vem da palavra italiana “graffito”, significando arranhado ou rabiscado. Neste trabalho, mencionaremos o graffiti a partir do português “grafite”.

⁷ “Tag”, do inglês, pode ser traduzido como etiqueta. No grafite, se refere à característica distintiva do artista, aquilo que diferencia os grafiteiros entre si.

grafite apresenta múltiplas categorias, desde o grafite comercial e autorizado, caracterizado como arte urbana – e em muitos casos pagos para serem feitos –, assim como o grafite não autorizado.

Pretendemos, mais, tratar principalmente de uma tipografia particular encontrada no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo: o pixo. Surgida nos final dos anos 80, a pixação, associada primeiramente com o movimento *punk* e também aos protestos anti-ditadura, apresenta uma dinâmica de conflito com as normas sociais devido à sua criminalização e uma interpretação divergente do uso dos espaços. Logo, o pixo é um tipo de intervenção urbana que, através de sua tipografia “reta”, é imediatamente identificada como um tipo particular de inscrição.

De mesmo modo, tanto a pichação, como o grafite e o pixo, foram rotulados como comportamentos desviantes no contexto em que foram desenvolvidos. A pichação política, por exemplo, presente na ditadura brasileira, era perseguida pelo seu caráter tanto de apropriação dos espaços visuais como de manifestação de oposição ao governo; o graffiti, de Nova Iorque, antes de adentrar em espaços artísticos, era considerado um fenômeno de degradação da cidade; a pixação e os pixadores, *idem*, são altamente estigmatizados na sociedade brasileira: o pixo é considerado como uma “sujeira”, e quem o pratica é considerado um marginal. Portanto, é possível discutir como se entrelaçam as teorias do desvio com essas formas de intervenção urbana.

A relação entre o grafite e a pixação traz elementos semelhantes – como o uso de aerossóis e menores infrações –, mas que acabam se diferenciando – principalmente pela forma –, logo, é necessária a diferenciação de ambos os movimentos para um melhor entendimento.

Em questão de estilo, a pixação é frequentemente realizada com uma só cor e com letras retas; o grafite, quando feito em forma de assinatura, traz cores e um estilo particular do autor. Na Figura III e IV, abaixo, pode-se observar como se diferenciam os dois tipos de escrita.

Figura III e IV - Demonstração da diferença estilística entre pixação (esquerda) e grafite (direita).



Fonte: Acervo próprio, 2023.

Pretendemos, em suma, trazer como o pixo no Brasil se desenvolveu historicamente – da cidade de São Paulo ao resto do Brasil –, se diferenciando de inscrições e grafites, para uma posterior contextualização da pixação como desvio.

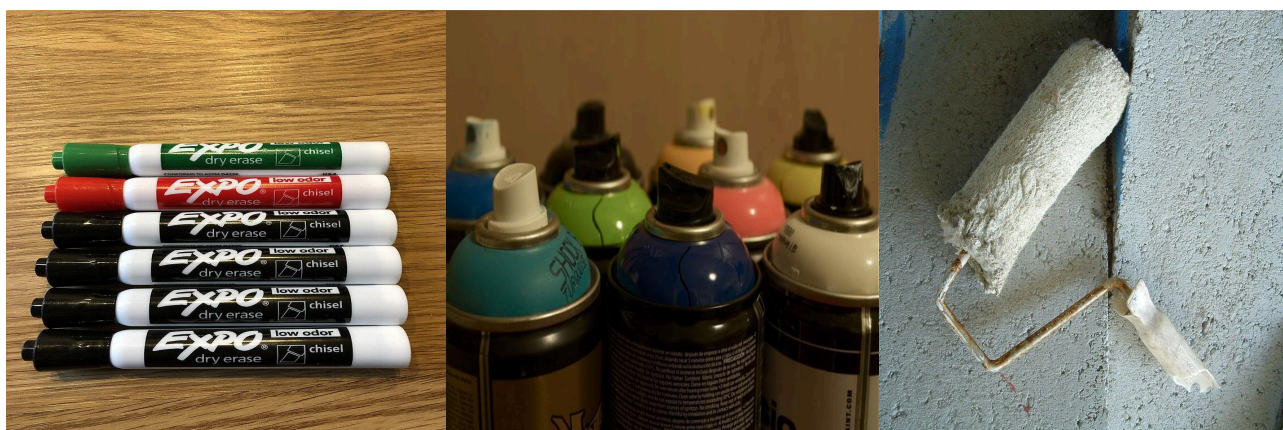
2.1 A HISTÓRIA DA PICHACÃO: DO CARVÃO AO AEROSSOL

A conceituação de inscrições pré-modernas é sempre uma tarefa de difícil realização, pois envolve a utilização de conceitos contemporâneos. Em certas abordagens, como o caso emblemático das inscrições romanas de Pompéia, autores como Milnor (2014) tratam tais escritas como grafite, adicionando que tal categoria muda conforme o contexto social e histórico no qual se insere (Milnor, 2014, p. 4). Nesta seção, trataremos as diferentes inscrições e intervenções urbanas como “pichação”⁸, adotando uma terminologia genérica, por não se tratar de um estilo característico ou imediatamente identificável como tal.

A pichação, portanto, se caracteriza como qualquer inscrição feita em um espaço público ou privado por um indivíduo que busca se expressar. No geral, a pichação não visa necessariamente uma abordagem artística elaborada. Além disso, trata de um sentimento particular do indivíduo que a produz, seja através de frases ou desenhos, normalmente feitos com canetões, tintas spray ou rolo de tinta (ver Figura V).

⁸ Pichação é originada da palavra “piche”, relativa ao derivado do petróleo, de cor escura, utilizado nas ruas a fins de asfaltamento.

Figura V - Da esquerda para a direita, canetão, tinta spray e rolo de tinta, utensílios utilizados para a realização de pichações, grafites e pixos.



Fonte: Compilação própria⁹.

Como exemplo, Teixeira (2004) analisa como as pichações de banheiro são encontradas em vários países com a finalidade de reproduzir alguma mensagem. Na Figura VI podemos observar pichações de frases de cunho político e social, além de pichações feitas com spray.

Figura VI - Diversas pichações feitas em um local abandonado em Foz do Iguaçu - PR.



Fonte: Acervo próprio, 2023.

⁹ Todas as imagens retiradas de Wikimedia Commons.

A ação de riscar ou pichar um espaço não é, contudo, um fenômeno contemporâneo. Por isso, a marcação de espaços pelo ser humano é identificada em períodos pré-históricos, no que se caracteriza como pinturas rupestres, em que há a representação da vida cotidiana do ser humano: a caça, os animais, às ações, formas etc.

No contexto urbano encontramos pichações em muros e espaços desde a antiguidade. Pompéia¹⁰, por exemplo, apresenta diversas inscrições e grafites em paredes feitas por romanos (ver Figura VII). Na Roma antiga, os indivíduos que produziam tais inscrições se utilizavam de “carvão ou giz vermelho” (Teixeira, 2004, p. 14) para grafitar muros, banheiros, bordéis etc. O conteúdo de tais inscrições varia, sendo identificadas desde mensagens ofensivas e sexuais até poesias, desenhos e ideias.

Figura VII - Diversas inscrições Romanas nas ruínas de Pompéia, da Roma Antiga.



Fonte: Cláudio Ribeiro, 2014.

No mais, a pichação é ainda mais frequente no século XX, com o advento da tinta spray, que facilita o processo e garante a discríção. Através da disseminação, do fácil acesso e da praticidade do aerossol, os indivíduos a utilizam como forma de expressão e de protesto. A revolta dos estudantes franceses, em Maio de 1968, por exemplo, foi performada nos espaços urbanos, através da utilização de frases de

¹⁰ Pompéia foi uma cidade da Roma Antiga que, após a erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C, foi desabitada pela humanidade. Por tal motivo, as inscrições das paredes realizadas na época se conservaram até a atualidade, demonstrando como as inscrições urbanas eram recorrentes nas cidades romanas.

reivindicação de direitos; da mesma maneira, no Brasil, o uso de sprays foi amplamente manejado para pichações anti-ditadura nos anos 70 (ver Figura VIII). Lefebvre (2004), analisando a experiência francesa enxerga como as ruas e seus espaços podem e são utilizados como espaços tanto de escritas como de potência revolucionária.

Na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza um *tempo-espaço* apropriado. (...) Quanto ao acontecimento revolucionário, ele geralmente ocorre na rua. Isso não mostra também que sua desordem engendra uma outra ordem? O espaço urbano não é o lugar da palavra, o lugar da troca das palavras pelas palavras e signos, assim como pelas coisas? Não é o lugar privilegiado no qual se escreve a palavra? Onde ela pôde tornar-se “selvagem” e inscrever-se nos muros, escapando das prescrições e instituições? (Lefebvre, 2002, p. 30).

Figura VIII - Indivíduo pichando mensagem contra a ditadura no Rio de Janeiro-RJ. Na figura, um indivíduo picha as seguintes frases: “ABAIXO A DITADURA” e “FORA DITADURA”.



Fonte: Kaoru/CPDoc, 1979¹¹.

É nesse contexto transgressor e reivindicatório, entre as décadas de 70 e 80, que surgem, respectivamente, estilos particulares de pichações no espaço urbano: o grafite e a pichação, o primeiro nos Estados Unidos, e o segundo no Brasil. Ao contrário do picho político ou de vontade individual apresentado nessa seção, ambos os movimentos

¹¹ Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura>. Acesso em: 5 fev. 2024.

trazem aspectos tanto sociais quanto de elaboração artística que os particularizam, em que os atores associados partilham de valores similares em cada grupo. Larruscahim (2014) reitera tal posição, considerando a pichação como um elemento de resistência da população contra a ditadura; tal configuração, iniciaria a criminalização da pichação, no Brasil.

A seguir, trataremos de especificar como se configura o grafite e o pixo brasileiro, que estilizados, vão além da categoria da pichação. Apesar de sua coexistência no espaço urbano, os pixadores e grafiteiros se diferenciam não só pela forma em que se manifestam artisticamente, mas de como são percebidos pela sociedade. Trataremos na próxima seção, então, de analisar como surge o grafite, a partir do movimento hip-hop estadunidense, além de seu desenvolvimento no Brasil.

2.2 O GRAFFITI: A ORIGEM E O CONTEXTO BRASILEIRO

O grafite, de antemão, é um elemento principalmente conectado ao movimento hip-hop¹², iniciado na década de 1970, nos Estados Unidos. Principalmente na cidade de Nova Iorque, o grafite teve sua difusão a partir de grupos marginalizados, em que os indivíduos usavam tinta-spray para espalhar suas *tags* no meio urbano (Larruscahim, 2014, p. 76). Nesse sentido, o grafite estadunidense e brasileiro convergem no estilo, mas se diferenciam na particularidade de sua disseminação. Entre nós, os grafiteiros já tinham contato com as pichações anti-ditadura. Veremos, então, como o grafite se desenvolveu, primeiramente nos Estados Unidos, e se desenvolve no Brasil. Do mesmo modo, será discutido como o grafite pode ser enquadrado como arte urbana e legalizado perante a lei, em perspectiva que o grafite ainda resguarda sua característica de apropriação de espaços públicos e privados.

A denominação de “graffiti” aparece posteriormente como uma forma dos jornais da época de relatar como um ato criminoso (Schmidlapp & Phase 2, 1996), em que, por outro lado, os grafiteiros se denominavam como “writers”.

Escritores [writers] se referiam como “escritores” [writers] e o que faziam era a “escrita” [writing], simplesmente porque era o que faziam. (...) Foi em outro momento que artigos de jornais apareceram se referindo à “escrita” [writing] como “graffiti” que a terminologia foi imposta na cultura se tornando a denominação apropriada, assim como estigmatizada como uma controvérsia abominável. (Schmidlapp & Phase 2, 1996, p. 6-7, tradução nossa, grifo nosso).

¹² O grafite é um dos quatro elementos principais da cultura do hip-hop, junto ao *rap*, o *DJing* e o *breakdance*. No documentário *Style Wars* (1983), é possível observar como esses elementos se confluem.

Em um primeiro momento, portanto, os grafiteiros pretendiam espalhar o máximo possível seu nome na cidade através das *tags* a fim de serem reconhecidos pela cidade. A *tag* é um estilo do grafite, uma assinatura através da qual o indivíduo, ao seu próprio estilo, demarca ao grafitar (ver Figura IX); portanto, a assinatura tende a ser algum apelido, palavra, jogo de palavras ou o próprio nome do autor.

Ainda, segundo Phase 2, os primeiros “writers” faziam suas assinaturas com um nome associado a algum número, seja do endereço de sua casa ou rua que mora (Schmidlapp & Phase 2, 1996, p. 21), como os grafiteiros “CoCo 144”, “Bronson 1”, “Lee 163d”, “Phase 2” etc. As *tags*, mesmo sendo menores em tamanho comparado à outras formas de grafite, são até hoje realizadas junto aos trabalhos de grafiteiros.

Figura IX - Vagão de metrô com várias tags na cidade de Nova Iorque, em 1973.



Fonte: Erik Calonius, 1973.

Os grafiteiros, nesse primeiro momento, prezavam pela maior disseminação possível de suas assinaturas pela cidade. Portanto, priorizavam por marcar suas assinaturas em ambientes com grande fluxo de indivíduos, como metrô – dentro e fora do vagão –, fachadas de lojas e muros nos centros das cidades; tal dinâmica, na cidade de Nova Iorque, criou um ambiente de competição e reconhecimento entre os grafiteiros, a qual os indivíduos de diferentes bairros reconheciam a escrita de outrem. O estilo se torna então a característica principal dos grafiteiros, através do qual cada grafiteiro buscava se destacar por uma grafia diferente.

Na busca por um estilo próprio, os grafiteiros modificam as *tags*, realizadas a princípio somente com uma cor, para uma maior elaboração em suas assinaturas. Nesse sentido, surgem nos anos 80, novos estilos de grafite que viriam a ser popularizados, como os “pieces”¹³ e os “throw-ups”¹⁴, que adicionam características a mais no estilo, como cores, sombras, contornos, luzes, efeitos 3D e etc; assim como as *tags*, os *pieces* e os *throw-ups* eram frequentemente feitos em metrô. Além disso, esses estilos de grafite mais elaborados tendem a aparecer em locais abandonados por oferecerem menos riscos ao grafiteiro.

Figura X - Grafite no estilo *throw-up* em vagão de metrô da cidade de Nova Iorque.



Fonte: JJ & Special K, 1979.

É importante ressaltar que o grafite nova-iorquino, no seu início, além de criminalizado, era considerado como elemento de degradação do espaço urbano. No documentário *Style Wars* (1983), que retrata o grafite das décadas de 70 e 80, o detetive da cidade Nova Iorque, Bernie Jacob, relata em uma entrevista:

Grafite, como diz o nome, não é uma arte. Grafite é um meio de aplicação à uma superfície. Te mostrarei grafite como aquelas letras naquele vagão atrás de mim. Aquilo é uma forma de arte? Eu não sei, eu não sou um crítico da arte, mas tenho certeza absoluta que aquilo é um crime (Silver, 1983, 3:20, tradução nossa).

¹³ Piece, do inglês, é uma abreviação de “Masterpiece”, traduzido literalmente como “Peça de mestre”. As pieces recebem tal denominação pela elaboração complexa, com o uso de diversos efeitos artísticos.

¹⁴ Throw-up, do inglês, significa vômito. Tal denominação advém de como os grafites no estilo throw-up tem um estilo arredondado.

De mesmo modo, relata o narrador: “Para alguns é arte, para a maioria das pessoas, no entanto, é uma peste que nunca acaba”. (Silver, 1983, 3:00, tradução nossa). Portanto, os grafiteiros por suas ações eram rotulados desviantes por infringirem tanto a lei como a norma de preservação dos espaços públicos e privados.

Concomitantemente, na cidade de Nova Iorque, já se destacavam Jean-Michel Basquiat e Keith Haring, precursores do grafite como arte urbana. Tanto Basquiat como Haring apresentaram não somente uma forma estilística que influenciou o grafite, como inseriram a arte urbana no contexto de museus e circuitos internacionais de arte (Rink, 2015). O grafite, nesse sentido, ganharia espaço e visibilidade como arte urbana, e ademais, engendra um movimento que viria a ser denominado como “muralismo”¹⁵. Tais fatos colocariam em debate na sociedade como o grafite pode ser visto como arte.

Ao mesmo tempo, o grafite no Brasil, mesmo que seguindo influenciado pelo estilo estadunidense, desenvolveu-se de uma maneira diferente, nos anos 80. Como demonstrado na seção anterior, a presença de pichações contra a ditadura, anterior à chegada do movimento hip-hop, já enunciava a presença de uma cultura de utilização de muros e fachadas em espaços urbanos no Brasil para manifestações individuais através da mensagem. Rink (2015) converge nessa ideia, adicionando que a vinda de grafiteiros estadunidenses como Keith Haring ao Brasil alavancou a difusão do grafite na sociedade.

No entanto, não somente se desenvolve o lado artístico relacionada ao grafite. Em concordância com movimento transgressor inicial do grafite, os grafiteiros, ainda, buscam realizar grafites em espaços não autorizados, reforçando como o grafite tem o papel de ressignificar espaços partindo da visão do grafiteiro. Como colocado por Pereira (2018) o uso de espaços públicos e privados para a arte, fez com que o grafite também fosse também perseguido e visto como poluição.

Vale ressaltar que o graffiti, em seu surgimento em São Paulo, também sofreu uma forte repressão. Os grafiteiros eram tão perseguidos quanto os pixadores têm sido. De certa forma, enfrentaram, em seu início, o mesmo problema que estes últimos têm enfrentado: a dificuldade de classificação da sua expressão visual. Ou seja, o graffiti também foi encarado como poluição, como algo perigoso, justamente por estar fora de lugar (...) (Pereira, 2018, n.p)

No Brasil, se desenvolve, por conseguinte, tanto uma cultura de *tag*, como da cidade de Nova Iorque, como o grafite associado à arte urbana. Do último, nomes como “Binho, Tinho, Speto, Vitché e Os Gêmeos” (Larruscahim, 2014, p. 77),

¹⁵ O muralismo aqui mencionado é diferente do muralismo mexicano, que conta com Diego Rivera e David Siqueiros como expoentes.

influenciados pelo movimento hip-hop, vieram a ter destaque na cena nacional; posteriormente, inclusive, sendo convidados a exposições internacionais de grafite. A partir da aceitação no mundo da arte, o grafite no contexto brasileiro é intrinsecamente associado ao seu valor artístico, o qual é visto como um elemento de valorização dos espaços da cidade.

Figura XI - Grafite no estilo “masterpiece” de Binho, realizado em São Paulo-SP em 2014.



Fonte: Blog “Ideias de Rua”, 2015.¹⁶

Nesse sentido, o grafite – e por consequência, os grafiteiros – perde seu status de poluidor visual, e portanto, de desvio. Tal movimento é observado principalmente na década de 1990 através da popularização do grafite. Encheva, Driessens & Verstrataen (2014), demonstram que através das diferentes abordagens da mídia frente ao grafite, absorvendo o estilo e vangloriando as artes urbanas, o grafite passou a ser aceito pela cultura dominante e integrado às mídias, em revistas, moda e televisão, apesar de sua anterior criminalização; por conseguinte, o grafite seria utilizado como forma de propaganda para jovens. No Brasil, na década de 2010, a alteração da lei de crimes ambientais a partir da Lei Nº 12.408, oficialmente descriminaliza o “ato de grafitar” (Brasil, 2011) ao considerar seu aspecto artístico e de valorização de espaços públicos e privados, se configurando como arte urbana e portanto aceita, desde

¹⁶ Disponível em: <<https://ideiasderua.blogspot.com/2013/04/binho-ribeiro-graffiti-brasil.html>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

que autorizada. Tal lei, ainda, delimita uma diferença entre as ações de “grafitar” e “pichar”.

O grafite, no Brasil, a partir de certo momento, é fomentado pelo poder público. É o caso de algumas cidades que promulgaram leis, programas e eventos voltados ao grafite: em São Paulo, através da Lei Nº 17.896, que estabelece um fomento municipal ao grafite, através de estímulos financeiros (São Paulo, 2023); Rio de Janeiro, pelo evento “Copa Graffiti” (Larruscahim, 2014); Curitiba, com a Lei Ordinária 16237, de 2023, que reconhece “valor cultural” na prática do grafite (Curitiba, 2023) etc. Com isso, o grafite, a partir da década 2000, torna-se uma forma de arte urbana presente nos grandes centros urbanos brasileiros, incentivada a ser feita, a qual chega a servir como elemento de valorização de espaços urbanos.

Figura XII - Grafite de Os Gêmeos representando indivíduos inscrevendo em um muro.

Na imagem, ainda se observam pixações alheias.



Fonte: Blog “Street Art Scene”, 2010¹⁷.

Nas próximas páginas, veremos outra forma de ação nos espaços da cidade: a pixação. A pixação é uma forma de inscrição vista como elemento de degradação – assim como o grafite no passado –, tanto por ser considerado uma escrita ilegível como por sua transgressão, em que a prática é vista como um desvio, configurando-se como crime. Nas próprias leis federais e estaduais que tratamos

¹⁷Disponível em:

<<https://streetartscene.wordpress.com/2010/12/15/how-os-gemeos-legitimized-street-art-in-brazil/>>. Acesso em 15 abr. 2024.

anteriormente, a pichação – e portanto, a pixação – aparece como um elemento contraditório frente ao grafite. Adiante, passar-se-á a discussão da pixação, desde seu começo, na cidade de São Paulo, e como a pixação se destaca como um estilo próprio de inscrição urbana.

2.3 O PIXO: UM ESTILO PARTICULAR DE ESCRITA URBANA DAS CIDADES BRASILEIRAS

A primeira característica associada ao estilo particular da pixação é sua própria nomenclatura: a pichação grafada com “X”, como os pixadores se definem. São vários os trabalhos que estudam a pixação como um estilo particular, assumindo a grafia com “X”, representando um tipo de expressão individual única, diferente do que se encontra em dicionários (Larruscahim, 2014), (Pereira, 2010); também, neste parâmetro, o pixo se separa das pichações políticas, publicitárias ou de mensagem (Pereira, 2018). Nesse sentido, veremos nesta seção a construção histórica da pixação, que, também influenciada pelas pichações políticas, veio a se tornar um estilo particular das cidades brasileiras.

A história da pixação que será tratada parte especialmente do desenvolvimento na cidade de São Paulo, e como se constituiu o estilo “reto” do pixo. Com isso, nas próximas páginas, veremos as características próprias do pixo, que o configura como um estilo de inscrição urbana que, a partir do movimento impulsionado principalmente em São Paulo, posteriormente se expande para o resto do Brasil.

A pixação em São Paulo, ou o “pixo”, como seus autores costumam também chamá-la, é uma manifestação estética de parte da população jovem das periferias. Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pixador individual. Essa pixação possui um formato bastante peculiar: com traços retos angulosos, ela diferencia-se do que seria o estilo norte-americano de pixação, designado tag, cujo formato arredondado lembra mais uma rubrica. (Pereira, 2010, p. 146).

Primeiramente, vale trazer à discussão como as pichações já eram difundidas no Brasil através do protesto contra a ditadura militar. Na década de 70 e 80, como apresentado na primeira seção deste capítulo, a atividade da pichação de muros como protesto era uma atividade presente nos espaços urbanos, mesmo que devidamente proibida. Nas falas dos pixadores, ademais, se nota que um dos precursores da cultura da pixação foi um criador de cães da raça fila, que praticava seus atos em meio

a ditadura. Antenor de Lara Campos Filho, assinava pelos muros “Cão Fila Km 26”¹⁸ com o objetivo de difundir o seu negócio (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 16:40). No período da ditadura, Antenor chegou a ser apreendido por suas pichações, pois sua inscrição era confundida com alguma mensagem de “grupos comunistas que se opunham ao governo militar” (Angrimani, 2000). A frequente demarcação de Cão Fila Km 26, feita em qualquer lugar que possuísse visibilidade, por conseguinte, despertaria nos primeiros pixadores um interesse em se expressar em espaços afins.

Nos anos 80, através das ações de pixadores como Juneca, Pessoinha e Bilão (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 17:35), influenciados justamente pelas inscrições “Cão Fila Km 26”, popularizaram ainda mais essas inscrições. No entanto, esses indivíduos citados não necessariamente iniciaram o estilo próprio da pichação, mas sim, serviram de influência devido a grande quantidade de assinaturas que espalharam na cidade de São Paulo.

Juneca e Pessoinha, ademais, foram um dos primeiros pixadores a serem perseguidos pela prefeitura de São Paulo. Em 1988, o prefeito Jânio Quadros ameaçava: “Juneca e Bilão vão pichar na cadeia” (Abraham, 1988, n.p).

Figura XIII e XIV - Reportagem com Antenor, responsável pelo Cão Fila Km 26 e Pichações de Juneca e Pessoinha, no ano de 1986.



Fonte: Foco no Jardim Miriam, 2019 (Figura XIII) e PIXO, 2009 (Figura XIV).

É na segunda metade da década de 80, então, que a pichação e seu estilo começam a tomar uma forma específica. A partir da influência do movimento punk, os pixadores tomaram de inspiração os logos de bandas de gêneros como o punk rock, o

¹⁸ Tal marca se entende simplesmente como o endereço a qual Antenor criava e vendia seus cães, o Km 26 da Estrada de Alvarenga, na Zona Sul da cidade de São Paulo.

hardcore e o heavy metal para a idealização de um estilo próprio, adaptando as fontes das bandas (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009); no relato do pixador “Zé” do “LIXOMANIA”, este menciona que no início da pixação, os indivíduos observavam o formato das letras das bandas e os adaptavam conforme o estilo do autor, criando sua própria pixação.

Figura XV - Pixo de Zé LIXOMANIA, um dos precursores da tipografia da pixação.



Fonte: Blog “Pixação e Graffiti de São Paulo”, 2013¹⁹.

Ademais, por ser associada ao movimento punk, os pixadores no início escolhiam nomes de bandas de punk rock²⁰. Djan Ivson²¹, pixador do grupo “CRIPTA”, reitera tal posição, afirmando que o movimento da pixação surge através da confluência do movimento punk da cidade de São Paulo. A própria ideologia normalmente associada ao movimento punk, o anarquismo, serviria de influência nos atos dos pixadores, que carregavam consigo uma perspectiva de protesto.

(...) esse movimento da pixação com “x” começou mesmo com os punks, tá ligado? A gente analisa os primeiros pixadores: eles eram punks. Final dos anos de 1980, cara, a partir de 1986, tá ligado? Só que no final dos anos 80 começou a ter festa, point e as uniões, entendeu? Isso começou a se caracterizar: Os Melhores, Os Piores, Os Mais Antigos, Os Mais Fortes, Os Mais Imundos, entendeu? Essas uniões começaram a se consolidar e se você vê os convites da época, os caras, com desenho punk, os temas, eram todos punks, os caras com a guitarra na mão, com moicano, entendeu? A galera tinha esse lance de protestar, esse cunho político, mais adotado pelo movimento punk. Não era aquele político da época da ditadura, mas o punk tinha uma linha de anarquia e tal, sempre protestando e questionando. A raiz do pixo é o movimento punk, entendeu? (Ivson, 2013, p. 8)

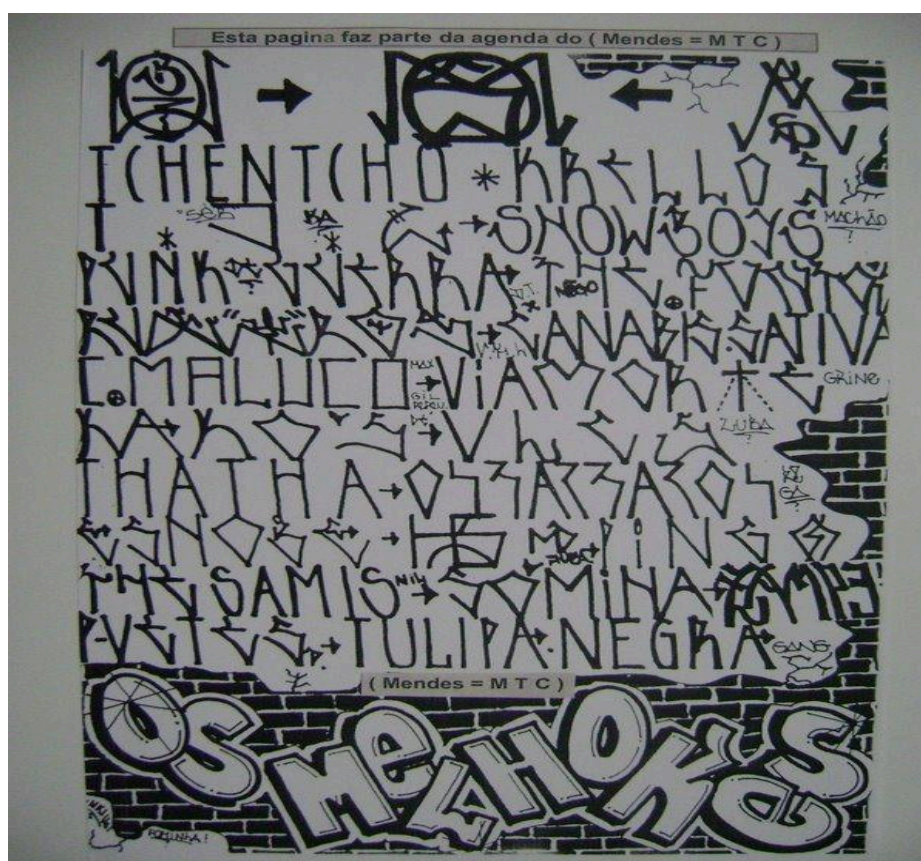
¹⁹ Disponível em: <<http://lovepixacao.blogspot.com/2013/08/lixomania-ze.html>>. Acesso em: 15 abr 2024.

²⁰ Como exemplo, podemos citar os pixos Lixomania, Sex Pistols, Dead Kennedys (grife) e Porões (relativo à banda Ratos de Porão); também verifica-se a existência de pixos que remeteram ao movimento punk, Punk de Guerra, Bruno Punk e Biraja Punk.

²¹ Djan Ivson é um pixador de destaque no Brasil pois se dedica à documentação e memória da pixação em São Paulo. Também, Djan Ivson é responsável pela produção de dois selos de pixação: “Escrita Urbana” e “100Comédia”. Mais informações sobre em: <https://www.revistaovies.com/2012/11/08/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcendeu-as-telas/>. Acesso em: 26 mar. 2024

Como explicitado na fala acima, os pixadores criaram grupos no meio da pixação – como os grupos Os Piores, Os Mais Antigos, Os Mais Fortes etc – da cidade de São Paulo, promovendo festas e *points*²². Nestes encontros havia a troca de “folhinhas” da pixação, em que os pixadores anotavam suas assinaturas em folhas (ver Figura XVI); nesse momento, a pixação ganha notoriedade entre os indivíduos periféricos, em que as festas são realizadas na periferia. Tais atividades viriam a formar, como veremos adiante, uma rede de sociabilidade entre os pixadores, a qual estes se utilizam de diferentes espaços para o encontro, o que viria a difundir ainda mais a pixação.

Figura XVI - “Folhinha” da união “Os Melhores”, fundada no fim dos anos 80, com pixos de TCHENCHO, KRELLOS, SNOWBOYS, PUNK DE GUERRA, entre outros.



Fonte: Blog “Túmulos”, 2009²³.

Através da elaboração de uma assinatura particular, os pixadores visavam espalhar sua inscrição pela cidade, na maior quantidade que conseguisse, para ganhar prestígio no meio; em outros casos, o pixador poderia se associar a algum grupo ou

²² Por hora, vale ressaltar que o point é um espaço de encontros dos pixadores em um local público no centro da cidade.

²³ Disponível em: <<http://tumulos1989.blogspot.com/2009/12/pasta-de-pixo-convites-folhinhas.html>>. Acesso em 15 abr. 2024.

grupos de pixação já existentes. Portanto, assim como os grafiteiros da cidade de Nova Iorque, os pixadores de São Paulo realizam suas pixações em qualquer espaço, seja público ou privado, de maneira ilegal, preferencialmente em espaços centrais e de grande visibilidade.

Nos anos 90, os pixadores começam a ir além dos muros da cidade e partem para uma “modalidade”²⁴ de pixação que viria a destacar ainda mais suas ações: a “escalada”. A escalada se trata da atividade do pixador subir em um prédio, por fora ou invadindo por dentro, com o objetivo de pixar nas alturas do prédio, nos beiras, lages e janelas; tal “modalidade”, como citada por pixadores, é a que traz mais prestígio devido à dificuldade e exposição à riscos. Segundo o pixador DINO foram três pixadores, #DI# (ver Figura XVII), Tchencho e Tchuim, que iniciaram o movimento da “escalada” (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 18:15). Além do risco assumido, os três pixadores competiam entre si, no sentido de ter mais pixos que o outro. #DI#, falecido em 1996, é considerado como um dos principais indivíduos associados ao movimento da pixação, não somente por ser um dos primeiros a difundir a modalidade da “escalada”, mas também por ter feito pixações em diversos prédios da cidade de São Paulo.

²⁴ As “modalidades” da pixação são como os pixadores explicam os diversos tipos de abordagem que cada sujeito tem com seu pixo. Nesse sentido, normalmente são caracterizadas modalidades como: “baixo” ou “chão”, que o pixador não escala nem invade nenhum local para pixar; o pixo de “janela”, em que se escala os prédios por fora, inscrevendo no entorno de janelas; e a mais recente, o “rapel” ou “corda”, em que se usa de equipamentos para realizar pixação em prédios ou lugares de difícil acesso.

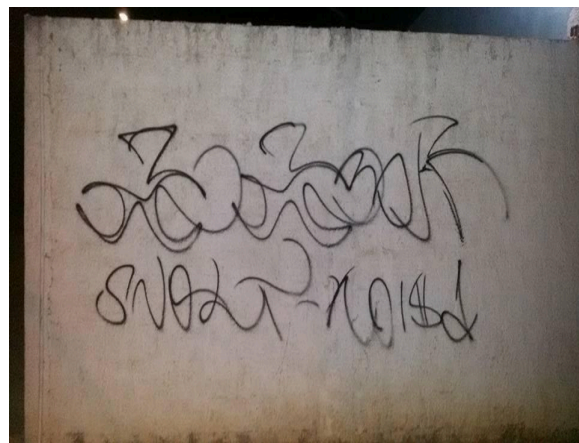
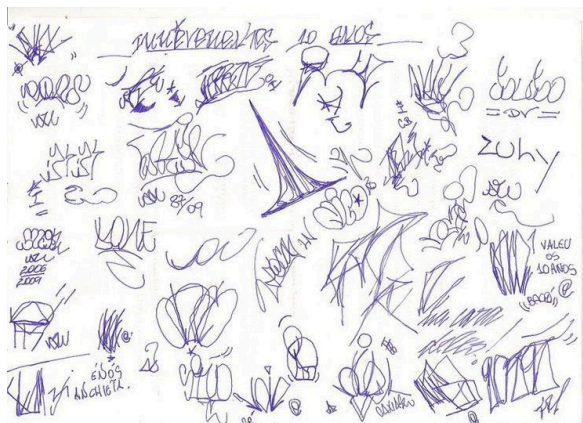
Figura XVII - Diversas pixações realizadas em 1996 em um prédio de São Paulo; Na imagem se encontram pixações de #DI#, OLODUM, MRT e KIDÃO.



Fonte: PIXO, 2009.

Através do traço específico relacionado ao pixo, das “modalidades” e das diferentes uniões e “grifes”, a pixação se diferencia de outros tipos de inscrição mural urbana, como a pichação e o grafite. Nesse sentido, a pixação viria a se espalhar pelas capitais do Brasil, e cada cidade absorveria de uma maneira específica o estilo da pixação; por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, a pixação se assemelha com tags norte-americanas (Pereira, 2010) (ver Figura XVIII), e outras cidades como Brasília-DF, que trazem um traço mais “circular” (ver Figura XIX).

Figura XVIII e XIX - Estilo de Pixação do Rio de Janeiro (esquerda) e do Distrito Federal (direita).



Fonte: Rafael Oliveira, 2011 e página “Pixadores do DF” do Facebook, 2015²⁵.

Portanto a definição da pixação a partir do estilo “reto”, como vimos, é desenvolvida principalmente na cidade de São Paulo a partir dos anos 80, mantendo uma originalidade no traço e estética da pixação, transformando-a em um elemento particular das cidades brasileiras.

A pixação, escrita assim mesmo com “x”, conforme o uso feito pelos próprios pixadores, poderia sinalizar apenas uma suposta ignorância das regras gramaticais, visto que a grafia correta da palavra seria pichação com “ch”, mas é colocado por eles como uma maneira de diferenciar a sua prática da definição comum de pichação. O que fazem não seria simplesmente pichar um nome, uma palavra ou uma frase qualquer numa parede, mas sim pixar a sua marca feita, ou melhor, desenhada com letras estilizadas, contorcidas e com um formato anguloso. Não se pixa de qualquer modo, com qualquer letra, mas com um formato previamente elaborado, com tipos de letras criadas pelos próprios, demonstrando um padrão estético peculiar. (Pereira, 2012, p. 65).

No próximo capítulo, será tratada especificamente como os pixadores veem sua própria ação na cidade e como o desvio está conectado ao imaginário do pixador. Além disso, trataremos das uniões grifes e “points” da pixação, caracterizando a pixação como uma subcultura. Será estudado, portanto, como a pixação é vista como um desvio pela ótica do comportamento normativo, ao mesmo tempo que se considera como os pixadores absorvem tal rótulo, assumindo um comportamento e identidade social desviante.

²⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/533480880002936/photos/pb.100067032156120.-2207520000/1113121332038885/?type=3>>. Acesso em: 15 abr 2024.

3. DESVIANTES DO ESPAÇO URBANO: OS PIXADORES, SUAS AÇÕES E MARCAS

A pixação, além de suas inscrições, carrega consigo uma ideologia por trás de tal ação. Como visto anteriormente, a pixação se separa de outros tipos de inscrições urbanas, como a pichação e o grafite, devido ao seu estilo, também, como seus atores as denominam e sua ideologia. Por esse motivo, cabe a análise da pixação enquadrando suas ações e práticas.

A partir dos estudos selecionados anteriormente, por conseguinte, veremos como a pixação pode ser analisada sob a ótica da sociologia do desvio. Como levantado, a questão do desvio parte da consideração do desvio a partir de uma determinada norma da sociedade; no mais, a ação desviante foi analisada por diferentes perspectivas, como, por exemplo, a funcionalista, voltada para o sentido patológico da ação (Durkheim, 1999), e a perspectiva interacionista simbólica, na qual a análise parte das relações e interações do cotidiano (Becker, 2008), (Goffman, 2008). Becker, em especial, trata o desvio a partir da criação do desvio por uma parte da sociedade, a qual, em efeito, rotula os indivíduos de desviantes; Goffman, em um mesmo sentido, associa como o estigma dita a maneira em que este será tratado nas relações sociais. A cultura e o movimento da pixação, logo, serão analisados sob esta perspectiva.

Desde a primeira aparição da pixação (então chamada pichação) na mainstream mídia no fim dos anos 1980, o discurso midiático dominante tendeu para definir o pixo como sujeira, vandalismo ou em vários casos até como terrorismo. Consequentemente esse discurso já sugeriu a implícita ou muitas vezes explícita demanda de ações repressivas contra esse “inimigo público” por parte dos atores políticos. Assim, é possível observar em muitos momentos um ativo posicionamento por parte desses atores políticos em relação à pixação. (Larruscahim, 2015, p. 21).

Por estar associada com a criminalidade, o poder público deliberadamente sanciona leis e projetos contra a pixação, seja por conta do comportamento transgressor, seja por conta da associação do pixo à degradação urbana. Também, a pixação aparece como um fenômeno agregado à juventude, a qual a lei Nº 12.408 sanciona a “proibição de de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos.” (Brasil, 2011); da mesma forma, múltiplas prefeituras, como a da cidade de São Paulo e a “Lei Cidade Limpa” de 2017, apresentam programas de combate ao pixo através do apagamento de tais inscrições, ou seja, meios de controle social da prática da pixação.

Nesse sentido, Becker (2008) em suas análises do desvio, observa a existência de “carreiras desviantes”, a qual o indivíduo segue passos diferentes que levam a um comportamento desviante recorrente. No tema da pixação, é possível observar uma possível “carreira” correlata, a qual um encontra na cultura do pixo diversos elementos que o motivam a continuar sua prática; tal dinâmica estabelece, como apresentado por Goffman (2008), uma “identidade” do pixador. Essa identidade, por sua vez, carrega consigo o estigma da pixação, em que define o seu modo de tratamento no cotidiano.

A partir de tal configuração, será destacado como a pixação apresenta múltiplas características que a caracterizam como uma subcultura urbana. Como apresentado no capítulo anterior, a pixação apresenta associações que valem a pena se aprofundar a fim de entender como se fundamenta os grupos na cidade, como as “uniões”, as “grifes” e os “points” e “festas da pixação”; sendo os dois primeiros relativos a uma marca associada a um grupo de pixadores, que deixam junto ao próprio pixo do indivíduo; enquanto os últimos tratam de espaços frequentados e organizados por pixadores para a coleção de folhinhas e troca de experiências.

De mesmo modo, existem regras “internas” ligadas à subcultura da pixação, como o “atropelo” – em que é proibido entre si pintar por cima de outra inscrição – e o “ibope”, o reconhecimento de um indivíduo no meio da pixação devido ao grande número de inscrições de sua assinatura na cidade, permitindo uma análise ainda mais aprofundada da pixação como subcultura desviante.

Logo, veremos a conformação da pixação como um ato desviante em sua categoria, a qual a pixação carrega consigo a deliberação da quebra de normas, além de, a partir de suas características e pensamentos acerca do meio urbano, o reconhecimento de ser uma subcultura urbana; tal perspectiva, de mesmo modo, pode ser analisada a partir das concepções de grupos sociais desviantes proposta por Becker (2008).

Além de reconhecer que o desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, devemos também ter em mente que essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objetos de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade. (Becker, 2008, p. 30)

As fundamentações dos grupos desviantes tendem a conter um repúdio às regras morais da convenção, às intuições convencionais e a todo o mundo convencional. (Becker, 2008, p. 49).

Portanto, nas próximas páginas, veremos como a pixação foi associada, ao longo das últimas décadas a um processo de criminalização e tensionamento entre os grupos sociais envolvidos nessa dinâmica, e, finalmente, como um grupo organizado a

qual, em sua interioridade, apresentam regras e associações que os caracterizam como subculturas urbanas.

3.1 A PIXAÇÃO COMO DESVIO SOCIAL

Como visto no primeiro capítulo, a sociologia do desvio se interessa pelo estudo da quebra de normas e convenções sociais e, a partir dela, surgem perspectivas patológicas para a rotulação.

No Brasil, a pixação é instituída como crime primeiramente pela Lei de Crimes Ambientais Nº 9.605 (Brasil, 1998), a qual o artigo 65 e incisos estipulam pena de três meses a 1 ano de multa, com agravante quando realizado em monumentos tombados. Os pixadores, por conseguinte, não somente são rotulados como são encarados agentes desviantes. Mais que o efeito da lei, a pixação é também associada, por ser considerada como “ilegível”, com a degradação e destruição da paisagem urbana.

Nesse sentido, abordamos a pixação sob a ótica da sociologia do desvio. Para fins de comparação, será estudado, em sequência, a ação dos pixadores, em que o ato de transgressão e ser contrário à regra é um fator motivacional para a continuidade da prática, em que elementos como o reconhecimento social, a “adrenalina” e o protesto entram em perspectiva para a ação dos grupos. Esses mecanismos, além de fundamentar a ação, revelam um próprio ambiente de relações entre os integrantes.

A relação entre o pixador e o espaço urbano revela e caracteriza a diferença social nas cidades brasileiras, marcado pela clivagem social, da diferenciação econômica entre os indivíduos e as regiões. Nos relatos dos pixadores, a identificação como sujeitos periféricos marcados pela desigualdade social é recorrente. Nas palavras do pixador LIN, “Muita gente aí da periferia (...), da pobreza (...), gostaria de falar e não tem condições de falar né (...), de se expressar. Só quem tem o direito de opinar nas coisas é os gravatados aí né meu.” (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 24:23); também, tal marca aparece na fala de TIRAS Banana: “a maioria dos pixador, mano, não vêm da burguesia, é tudo da periferia, poucos playboy que você vê que pixa, mano.” (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 23:58). Ambos os relatos corroboram na dinâmica de periferia-centro presente entre os indivíduos da pixação, assim como apresenta a marca da desigualdade social e o direito de expressão na cidade.

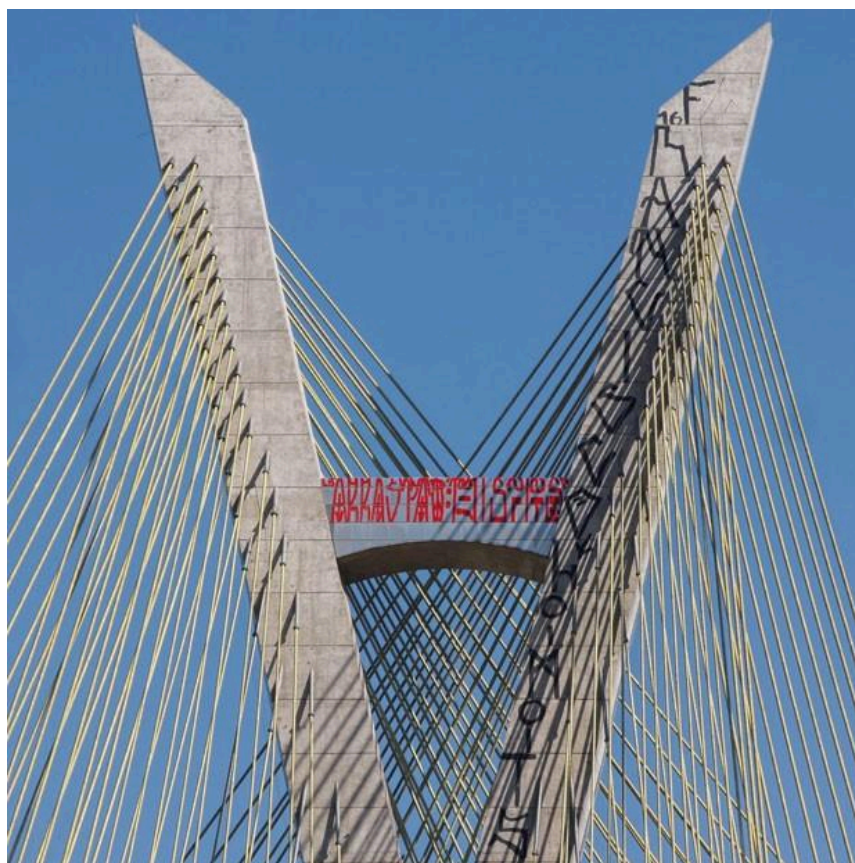
Os atores da pixação visam tanto a ocupação e reafirmação social e política, quanto a quebra das normas sociais, demarcando sua assinatura e tomando um espaço para si. Nas palavras de Djan Ivson, do grupo CRIPTA, “Pixação é ilegal mesmo, e a essência tá nisso cara. **Se fosse autorizado ninguém tava fazendo.** Fosse igual o grafite (...) acho que nem existia a pixação, tá ligado? Então a essência tá aí, anarquia, tá ligado? Em um bagulho proibido.” (PIXO, Wainer & Oliveira, 2010, 55:28). Por conseguinte, se compreende a pixação como uma ação que envolve a ilegalidade e a quebra de normas – desvio –, que inspira seu autor à realização; processo este que “a pixação parece apontar para a potência que agencia o corpo na realização do ato” (Diógenes & Chagas, 2016, p. 314).

Becker (2008), argumenta que em análises do desvio, a primeira questão que aparece, em uma perspectiva normativa, é do porquê o indivíduo comete o desvio. Se perguntaria, no caso da pixação, o motivo de conspurcar um espaço urbano com uma escrita que, para quem está de fora do circuito da pixação, não é entendível. Nas falas extraídas de pixadores, observa-se principalmente três fatores que levam o sujeito à pixação: o reconhecimento social, a adrenalina e o protesto (PIXO, Wainer & Oliveira, 2010). Estes, como veremos, não necessariamente são elementos excludentes; mas sim, perspectivas que abrangem toda a cultura de sociabilidade envolta dos agentes.

Entre os pixadores, o que demonstra ter bastante importância é a dinâmica de criação dos riscos para se produzir excitação, expressas como anseio por adrenalina. Por isso, aquele que realiza a maior proeza e enfrenta os maiores desafios consegue maior reconhecimento. (Pereira, 2010, p. 152)

No caso do reconhecimento social, a ação está intrinsecamente conectada com o que é denominado “ibope” (Pereira, 2005, p. 36), uma espécie de “disputa” pela visibilidade na cidade, almejando a demarcação do espaço, do território do pixador. A visibilidade, justamente adquirida através do “ibope”, é o que gera um prestígio para o pixador, em que este se torna reconhecido pela sua marca e por quanto este a espalhou pela cidade. Para atingir tal status, o pixador visa tanto a demarcação de sua assinatura em espaços de maior visibilidade como do risco em suas ações, em que, no último caso, se entende como as modalidades da pixação apresentadas anteriormente, como a escalada.

Figura XX - Ponte estaiada, na Zona Sul da cidade de São Paulo, é considerada um dos elementos de destaque para os pixadores por sua dificuldade. Na imagem, nota-se pixações de ARRASTÃO e MISFITS (de vermelho, no meio) e de FRANCISCO e LIMITS (de preto, na vertical).



Fonte: G1/Marco S. Camargo, 2016.

Esse risco mencionado, é passível de análise a partir da “adrenalina”²⁶ no momento da pixação. Tal emoção é entendida a partir dos riscos que se apresentam, tanto pela ilegalidade, como de uma possível atividade mais perigosa, como a escalada de prédios ou invasão de propriedade privada; essa atividade e a emoção dela advinda seria um motivador para o sujeito, que através do risco e da adrenalina envolta no processo, essa ação se tornaria um “lazer” (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 28:53) dos pixadores. Tal motivação pode ser comparada ao que Becker (2008) propõe como um estímulo para a continuidade de atos desviantes, a qual a recompensa e a sensação da adrenalina serviria como um catalisador da pixação.

Além disso, nota-se em certas falas um descontentamento com o “sistema” por parte dos pixadores, o que motivaria escritas denunciando problemas

²⁶ A adrenalina que envolve a pixação é justamente o hormônio associado a momentos de alta emoção ou tensão que altera o físico do indivíduo.

sociais. Nesse sentido, os pixadores argumentam que a pixação seria um crime muito menor que a “roubalheira dos políticos”, pois, enquanto estes são perseguidos por suas marcas na cidade, os últimos estão soltos, ou que existem problemas maiores que a pixação a serem combatidos. Então, se busca uma possível aceitação da prática por trazerem consigo uma noção de protesto. Além disso, os pixadores motivados pelo protesto frequentemente deixam mensagens junto à sua respectiva assinatura (ver Figura XXII), fora do formato e estilo da pixação.

Muitos afirmam protestar por meio da pixação; poucos, entretanto, sabem dizer claramente contra o quê. Contudo, esta noção de contestação parece representar a ideia de que eles agem de forma negativa, indo contra as regras que regem a vida em sociedade, justamente para mostrar como as coisas estão erradas, como eles não têm oportunidades etc. Por outro lado, esta também se torna uma maneira de justificar suas ações, tão mal vistas pelo restante da população. Ao se afirmarem como protestos, suas ações podem passar a fazer mais sentido para parte dos cidadãos paulistanos. Por isso, ao lado de algumas pixações surgem frases com conteúdo mais político e escrito de maneira legível para a compreensão de quem não pertence à dinâmica (...) (Pereira, 2010, pp. 153-154)

Figura XXI - Pixo realizado na Avenida 23 de Maio de São Paulo-SP com uma frase reivindicando atenção para problemas sociais da cidade além da pixação.



Fonte: Catraca Livre, 2017.

As práticas citadas que servem como motivadores da pixação convergem, portanto, em sua ilegalidade. Na comparação com a perspectiva de desvio proposta por Becker (2008), os pixadores são rotulados desviantes devido a como aparecem frente às normas sociais: além de crime, o pixo é visto como “sujeira” (Larruscahim & Schweizer, 2014), com seus praticantes sendo rotulados de marginais e criminosos. O próprio retrato nos meios de comunicação – principalmente em televisão e jornais – indica tal atribuição.

Desde a primeira aparição da pixação (então chamada pichação) na mainstream mídia no fim dos anos 1980, o discurso midiático dominante tendeu para definir o pixo como sujeira, vandalismo ou em vários casos até como terrorismo. Conseqüentemente esse discurso já sugeriu a implícita ou muitas vezes explícita demanda de ações repressivas contra esse “inimigo público” por parte dos atores políticos. Assim, é possível observar em muitos momentos um ativo posicionamento por parte desses atores políticos em relação à pixação. (Larruscahim & Schweizer, 2014, p. 21).

Como comentado anteriormente, a aparição em espaços midiáticos é reconhecida como uma projeção para o pixador. Nas palavras de Djan Ivson, a aparição e a oportunidade de conceder entrevistas nesses espaços, mesmo que seja abordado de uma forma negativa, fornece ao indivíduo pixador um espaço tanto para se expressar para os grupos sociais normativos, como no caso do pixação política, como para “ganhar ibope”, pela visibilidade atribuída.

E o pixador se ele tá conseguindo uma mídia pela transgressão – mesmo que seja negativa – pra ele é positivo, porque justamente os valores dos pixadores são invertidos. O cara ser chamado de vagabundo, de marginal, até de vândalo, às vezes é um elogio. Os pixadores tem isso como uma coisa positiva, então até essas recusas que rolam, essas operações, repressões, só acabam por projetar mais o pixo. E às vezes a gente consegue o nosso resultado, que era sair na mídia, ser visto. (Ivson, et. al, 2012, n.p)

Ademais, um elemento que caracteriza os pixadores e o reconhecimento de si como desviante é como estes tratam suas próprias marcas e assinaturas. Pereira (2010) considera que a escolha de nomes e grupos de um pixo se relaciona diretamente com suas atividades. Além disso, a escolha dos nomes das pixações remetem diretamente a maneira em que são rotulados pelos grupos estabelecidos; nesse sentido, observa-se a escolha de nomes associados à “criminalidade, a sujeira e a loucura, esta última associada às drogas ou ao próprio ato de pixar”²⁷ (Pereira, 2010, p. 154). A escolha de tais denominações para o pixo evidencia como seus agentes reconhecem e assumem sua posição de desviante, a qual frequentemente escolhem os nomes de suas assinaturas e grifes com as próprias rotulações que são acusados.

Portanto, os indivíduos da pixação são colocados na posição de *outsiders* ao ir contra as normas de convenções legais e morais, ao mesmo tempo que trazem para si motivos do agenciamento desviante, representando uma contestação das regras estabelecidas.

²⁷ Em seu artigo, Pereira (2010) traz diversos exemplos de pixos que trazem tais adjetivos. Podemos encontrar, resumidamente, pixos relacionados à: marginalidade, “Os Registrados no Código Penal”, “Vagais” e “Artigo 12”; sujeira, “Lixomania”, “Vômitos” e “Os Mais Impuros”; loucura, “Loucura Incurável”, “Os Muito Loucos” e “Pirados”.

Logo, se reconhece a existência de “controles sociais” (Becker, 2008) voltados à pixação por seu caráter transgressor. Primeiramente, além de sua proibição, nota-se como a pixação é associada com um fenômeno da juventude, a qual a venda de latas de tinta-spray são proibidas para menores de 18 anos no Brasil a partir da Lei Nº 12.408 (Brasil, 2011); assim, a partir de tal regulação, se consideraria uma possível diminuição nas pixações ao restringir a compra por menores de idade. É importante notar, nesse sentido, que a caracterização da pixação como um fenômeno de juventude não é possível de ser identificado, necessitando um aprofundamento específico para tal. Por conseguinte, uma característica adicional envolvida nesse controle social da atividade da pixação é sua regulação através de seu apagamento.

Um caso notável que exemplifica tal controle é a gestão do ex-prefeito João Dória entre 2017 e 2018 em São Paulo. Através de um projeto denominado “São Paulo Cidade Linda”, a prefeitura de São Paulo iniciou o apagamento de diversas inscrições nas principais avenidas da cidade. Ao pintar os muros de cinza, se apagaram desde pixações, grafites e murais presentes nesses espaços; tal acontecimento gerou descontentamento tanto nos grupos da pixação e grafite como da sociedade paulistana, reconhecendo que tal atitude esvaziava o espaço²⁸. Para os pixadores, tal atitude serviu apenas como um incentivador a mais em sua atividade, em que o risco e a perseguição estão intrinsecamente conectados com sua continuidade; também, iniciou um debate da pixação e sobre a definição de valor artístico, que estaria sendo colocada como elemento contrário à pixação (ver Figura XXII).

²⁸ Para mais informações sobre tal descontentamento:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html>

Figura XXII - Pixações em prédios abandonados na cidade de São Paulo-SP no ano de 2017. Na imagem, se confere também inscrições contra o ex-presidente Michel Temer e o ex-prefeito de São Paulo João Dória²⁹.



Fonte: Reprodução/FotoRN176, 2017.

Ainda na perspectiva do desvio de Becker (2008), este assinala que a prática do desvio, envolve a frequência e os “passos” que seguem um comportamento, seguindo um modelo. Essa dinâmica sequencial se concretiza na construção de uma identidade desviante, possivelmente sustentando uma ideologia por trás da ação; a identidade, em vista disso, correlaciona com os pressupostos de Goffman (2008) sobre a perpetuação de uma identidade desviante a partir do estigma. O caso da pixação, portanto, será compreendido tanto na perspectiva do modelo sequencial como de estigma social, resultante na identidade desviante.

Em um primeiro momento, então, no *modelo sequencial* de Becker (2008), se pressupõe que um indivíduo desviante tenha a predisposição para um ato desviante. Para tal, se presume a existência de “motivos e interesses desviantes” (Becker, 2008, p. 41) anteriores a execução do desvio em si; como no caso de seus estudo sobre os usuários de maconha (2008), o indivíduo, antes de ter a experiência com a maconha,

²⁹ A inclusão da frase “Dória, pixo é arte” é um protesto por como o ex-prefeito, através da Lei Cidade Limpa, promoveu o apagamento de inscrições urbanas no geral, como os murais, os grafites e os pixos.

conhece que seu uso trará alguma espécie de satisfação. No caso da pixação, se resolvem fatores diversos para o início na carreira.

Em muitos casos, encontram-se nos relatos de pixadores principalmente três fatores que influenciam seu início na pixação: a curiosidade pelas pixações em que se vê na cidade, ter algum conhecido que pratica a pixação, ou o próprio indivíduo já realizar inscrições. O primeiro caso pode ser evidenciado através do contato com o pixo na cidade, em que a simples experiência visual desperta o interesse pela prática; a amizade, de mesmo modo, leva um sujeito a sair de “rolê” – como os pixadores denominam – para a pixação, em grupos de amigos; por último, reconhece-se muitas vezes pixadores que mencionam ter iniciado na pixação por conta de já ter algum contato com inscrições como rabiscos realizados na escola (Ivson, 2012) – ou atividades de rebeldia. Vale destacar, também, que o indivíduo, antes de realizar sua primeira pixação, passa por um processo de elaboração de uma “tag” original, treinada em folhas de caderno antes da demarcação em algum espaço.

A partir da execução da primeira pixação, e a sensação do que foi descrito anteriormente como “adrenalina”, o indivíduo inicia uma carreira na pixação, procurando um reconhecimento e visibilidade no meio: o “ibope”. Portanto, por conta da sensação de adrenalina e da visibilidade que a pixação fornece, não é incomum relatos de indivíduos que iniciaram-se na pixação e nunca parem tal atividade, mesmo com as repressões legais. A proposição de Becker (2008) sobre o desvio como ação coletiva, favorece esta dinâmica de reconhecimento envolto no meio da pixação.

O maior número de pixações, e portanto, do “ibope” adquirido pelos feitos, é de importância para a carreira da pixação. Nas palavras de Becker, “Quando encaramos o desvio como ação coletiva, vemos imediatamente que as pessoas agem atentas às reações de outros envolvidos nessa ação” (Becker, 2008, p. 184); é possível depreender, por conseguinte, como o desvio vai além do individual. Um fator interessante, nesse sentido, é como o estilo do pixo, propositalmente de difícil leitura para quem não tenha o contato com tal movimento, evidencia como a procura pelo reconhecimento e prestígio vem pela própria comunidade da pixação. Deste modo, pode-se absorver uma dualidade na interioridade de tal ação, tanto de autorrealização como de afirmação na própria comunidade.

Em continuidade com o modelo sequencial, um passo importante para a afirmação da identidade é ser “apanhado” e “rotulado” como “desviante” (Becker, 2011, p. 46). Para o pixador, ser pego no ato da pixação, como observado em relatos, em geral,

tende a surtir reações negativas. Ao realizador da pixação é imediatamente atribuído o *status* de desviante. As punições legais para tais atos, no entanto, parecem não influenciar a carreira do indivíduo, ou seja, sua continuidade no meio; em verdade, ocorre justamente o contrário: o pixador sente uma vontade ainda maior da prática. Como exemplo, se relata que o modo em que são detidos por agentes públicos por sua transgressão – como a polícia militar –, incitam uma “grande motivação”, ou revolta, para pixar ainda mais.

O modo como a polícia procede com eles nas ruas – quase sempre com violência – acaba por tornar a opção pela criminalidade ainda mais atraente. Os pixadores relatam muitos casos de agressões verbais e físicas. Quando são flagrados pixando, o mais comum é terem os seus corpos pintados com suas próprias tintas. Poucas vezes, no entanto, são presos. Neste contexto, desafiar ou enganar a polícia, ainda que não seja diretamente por causa da desigualdade de forças, é apontado por eles como um grande fator de motivação para a prática da pixação. (Pereira, 2010, p. 153)

Pereira (2010) ainda reconhece que a atividade transgressora pode não se limitar à prática da pixação, e pode se estender para o furto (frequentemente de latas de spray), uso de drogas e outras atividades infratoras; essa dinâmica corrobora com os pressupostos de Becker (2008), que assinala como uma prática desviante e sua punição pode acarretar a desvios ainda maiores pelo reconhecimento de si como *outsider*. A partir dessa sequência de atos desviantes, se entende que o indivíduo, por fim, assume uma identidade desviante, fundamentada ideologicamente.

Em um segundo momento, os pressupostos de Goffman (2008) sobre o estigma e o desvio corroboram com as análises do desvio sobre os pixadores. Como visto anteriormente, o estigma se define por um traço ou característica do indivíduo, a qual, nas relações cotidianas, atribui ao indivíduo uma posição considerada “inferior” por outrem, em que as interações são modificadas devido a esta dinâmica. No entanto, Goffman considera que o estigma, sob o espectro dos estudos do desvio, condiz mais com a aparência que a ação desviante; no entanto, é interessante pensar o caso do estigma a partir da identidade formada a partir dessa.

Portanto, a identidade, como essa característica pessoal, na perspectiva de Goffman, é interpretada a partir da dinâmica entre o eu e o outro. Sob esta ótica, se compreende que há a interpretação da identidade internamente e externamente. A “identidade do eu”, interior, primeiramente, é como o indivíduo vê a si mesmo; concomitantemente, a “identidade social”, exterior, como é percebida por outros; a síntese

de ambas identidades é a “identidade pessoal”, que determina como se dará a relação entre os indivíduos em sociedade (Goffman, 2008).

A identidade dos pixadores, sob essa perspectiva, é passível de análise devido a como estes manifestam tal identidade no cotidiano. Primeiramente, a identidade do pixador tende a ser oculta quando fora dos circuitos da pixação, devido ao seu estigma; como comentado anteriormente, ser conhecido ou visto como pixador infere um rótulo de marginalização e criminalidade, a qual tende, no geral, a restringir e censurar sua participação em espaços normatizados. Muitos pixadores, quando em entrevistas, por exemplo, evitam expor suas faces não para evitar a sanção penal, mas sim, que não sejam identificados por familiares e em seus empregos (Ivson, 2012). Por um outro lado, certos pixadores assumem a identidade da pixação abertamente, utilizando vestimentas, como camisetas e bonés, que se associam diretamente com alguma assinatura da pixação; nesse caso, o estigma é imediatamente capturado.

Ao mesmo tempo, a identidade da pixação vai além do próprio físico e identificações exteriores do indivíduo: ela se estende para sua assinatura, seu pixo. A escolha de uma assinatura própria, nesse sentido, serve justamente para a diferenciação e o reconhecimento dentro do grupo.. Dentro da esfera da pixação em seus encontros, é recorrente a prática, inclusive, de se mencionar entre si através do pixo que o indivíduo faz, ou em conjunto com o próprio nome; em suma, o pixo é um articulador da identidade individual e também coletiva, nos espaços coletivos da pixação. Se reconhece, ainda, a existência de “identidades sociais” (Goffman, 2008, p. 156), que organizam os indivíduos entre si a partir de um estigma – ou desvio – em comum.

Por fim, compreende-se o desvio no meio da pixação em uma dinâmica para além do individual, revelando espaços coletivos aos quais seus indivíduos se associam. Também, compreendendo o desvio na dinâmica de disputa de poder entre estabelecidos e *outsiders*, os pixadores se enquadram com o último não somente por ir contra a lei, mas também por tomar determinado espaço para si em uma linguagem particular da própria comunidade. Precisamente, Becker (2008) considera o estabelecimento de um grupo organizado que pratica um mesmo desvio como o passo final na carreira desviante, a qual seus membros mantêm uma articulação ideológica semelhante. Nessa configuração, se entende o desvio na sociedade como um espaço de disputa entre grupos que reivindicam e defendem uma interpretação das próprias ações.

Na próxima seção, veremos a pixação como uma subcultura desviante, a partir da análise de suas regras e atividades da própria comunidade que a constituem como tal.

3.2 A SUBCULTURA DA PIXAÇÃO: REGRAS, PRÁTICAS E COMUNIDADE

A pixação revela uma rede de interações que traz consigo símbolos que marcam as interações entre os indivíduos de sua comunidade. Com isso, pretendemos, nas próximas páginas, compreender como se estabelecem as relações entre os membros do grupo e os espaços – para além dos muros – ocupados pelos pixadores, revelando uma subcultura urbana subversiva. As subculturas, por sua vez, como vista anteriormente, se trata de uma cultura alternativa à dominante, em que se atribui a denominação de “subcultura” justamente por tal dinâmica.

Também, as posições de Velho (1999), reiteram a existência de uma forma dominante da cultura em dada sociedade, assumindo propriamente um conflito de poder quando enquadrada por uma subcultura, que desafia e questiona certas características culturais de uma sociedade. Por isso, a pixação será tratada como uma subcultura no sentido que apresenta “regras” internas, que definem o comportamento e a ação de seus indivíduos a partir do desvio.

Do mesmo modo, como abordado no capítulo anterior, a pixação pode ser colocada em perspectiva com os pressupostos de Becker (2008) sobre uma carreira desviante. O último estágio de tal carreira, seria o ingresso em um grupo desviante, no qual os membros apresentariam não somente uma ideologia que racionaliza e “justifica” seu agenciamento desviante, mas também estabelecem um conjunto de regras próprias que fundamentam sua existência e a particularidade do desvio conjunto a tal carreira desviante; características essas que podem ser encontrada na cultura da pixação. No mais, é possível encontrar diversos “circuitos” (Magnani, 2008) que envolvem espaços e símbolos voltados à prática da pixação, entre os quais se destacam: as grifes e uniões, os *points*, e as festas, todos que de alguma maneira remetem a um grupo ou encontro de pixadores. A partir dessas relações, será evidenciado uma cultura de apropriação, reconhecimento e sociabilidade.

Portanto, vejamos as próprias particularidades da ação que envolve o pixo. Além de elementos como o “ibope” apresentado na seção anterior, relativo ao

prestígio recebido pelo grande números de inscrições pela cidade, ainda se verifica denominações como “bafo”, a “régua”, o “fosko” e o “atropelo”, todos ligados com a prática do pixo em si. Respectivamente, o termo “bafo” se refere ao pixador iniciante, o qual, sem o domínio da técnica ou devido à pouca prática do estilo reto, realiza inscrições consideradas mal feitas; a “régua”, em contrapartida, é a pixação que é considerada como bem elaborada e bem aplicada, remetendo precisamente ao uso de uma régua, evidenciando o “estilo reto” da cultura; o “fosko”, remetendo a cor “preto fosco”, apresenta também um aspecto positivo, em que pixações que chamam a atenção são reconhecidas como tal. Por último, o “atropelo”, é como se denomina um indivíduo que passou por cima de outro pixo, ocultando-o. Esta última remete a uma das regras consideradas mais importantes dessa subcultura, em que se deve respeitar um espaço já demarcado por outro pixador. O desrespeito à essa regra é mal visto pelos praticantes, e aquele que cometeu o “atropelo” é tratado negativamente³⁰, ou seja, é sancionado. Pode-se considerar, de certo modo, que o atropelo é considerado um desvio dentro do grupo da pixação.

Figura XXIII - Exemplo de “atropelo” no meio da pixação, a qual um pixador inscreve por cima de outra inscrição deliberadamente.



³⁰ Um caso emblemático da pixação que envolveu “atropelos” foi uma disputa entre as grifes “Os Mais Imundos” (OS+IM) e “Os Registrados no Código Penal” (RGS) (ver Figura XXIII). Tal conflito foi além da esfera da pixação, a qual o uso da violência entre as pessoas dos grupos eram frequentes. Mais informações em: <https://medium.com/umapera/quer-saber-como-funciona-a-pichacao-d866a387c8bc>

Fonte: Acervo da grife RGS, 2010³¹.

Outra atividade que marca a cultura da pixação é a criação de “grifes” entre pixadores. A grife se verifica como um símbolo a parte da assinatura, e é realizada ao lado da própria tag do pixador; a grife, ademais, é um “acessório” que valoriza a pixação (Pereira, 2010). As “uniões”, mencionadas anteriormente neste trabalho, conformaram as primeiras formas de “grife” existentes na história da pixação, e suas práticas se assemelham.

Figura XXIV - Pixação em Santa Terezinha de Itaipu-PR com o uso da grife “Adolescência Rebelde”.



Fonte: Acervo próprio, 2023.

Na Figura XXIV, acima, observa-se a ordem na qual se realiza a pixação junto à uma grife. Na imagem, se verifica, da esquerda para a direita, primeiramente a grife (Atitude Rebelde, “AR”), o pixo (H2O) e por último a assinatura pessoal do autor (Brasa), assim como o ano em que foi realizado.

A criação de uma grife envolve a junção de diferentes pixadores, que em conjunto, criam um nome e um símbolo particular para a grife, a qual seus associados têm a tarefa de espalhar pela cidade para alavancar seu prestígio. As grifes, portanto, por seu caráter associativo, trazem uma série de objetivos a serem cumpridos entre seus membros, como: “reverenciar pixadores daquela aliança [grife] que já morreram e também o de ser inimigo dos pixadores das grifes adversárias” (Pereira, 2010, p.48, grifo nosso); tal relação de inimizade entre grifes se relaciona com o “atropelo” mencionado anteriormente, em que os membros de determinada grife não hesitam em “atropelar” as grifes rivais. O ingresso em uma grife, no mais, varia conforme o tamanho da mesma. Em muitos casos, observa-se a preferência por indivíduos com “ibope” no meio da pixação; ao

31

Disponível em: <https://registradosnocodigopenal.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos/#imagem-109-jpg>. Acesso em: 15 abr. 2024

mesmo tempo, um pode se associar por manter uma atividade similar, como a “escalada”, por algum interesse mútuo, como torcer pelo mesmo time, ou aludindo à alguma região³².

Figura XXV - Grifes da pixação, da esquerda para a direita: “Agilidade 7 Vidas”, “Turma da Janela” e “Mania de Pixar”.



Fonte: Composição própria³³.

O espaço em que os pixadores se confluem, no mais, é no “point” da cidade. Resolver questões como os “atropelos” e o ingresso em grifes, no geral, se dão em tais espaços. O “point”, como explicado por Magnani (2008), é um espaço de “humildade” (Magnani, 2008, p. 196), no qual se observa a troca de experiências, a troca de “folhinhas”³⁴ e a formação de amizades no meio. A humildade, nesse contexto, significa estar aberto para as atividades que dão identidade ao grupo.

No mais, situado normalmente em regiões centrais das cidades, o “point” é um ponto de convergência entre pixadores de múltiplas regiões da cidade, principalmente da periferia. Nessa relação de periferia-centro, os pixadores aproveitam para organizar “rolês” – caminhadas pela cidade com a finalidade do pixo – em conjunto com seus conhecidos do meio. Novamente, se apresenta a relação entre periferia e centro da cidade, sendo o centro este espaço de convergência dos sujeitos periféricos. No relato de Carol SUSTOS, se evidencia a importância do point para sociabilidade e encontro entre as regiões da cidade:

Point do centro é onde cola todo mundo de todas as áreas, né. Tem nego que é lá da ZL [zona leste], da ZO [zona sul], da sul (...) da norte. Então meus rolês e minhas baladas é isso mano, é point e festa meu da pixação, eu só faço isso, só me divirto com isso. (Carol SUSTOS, PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 41:46)

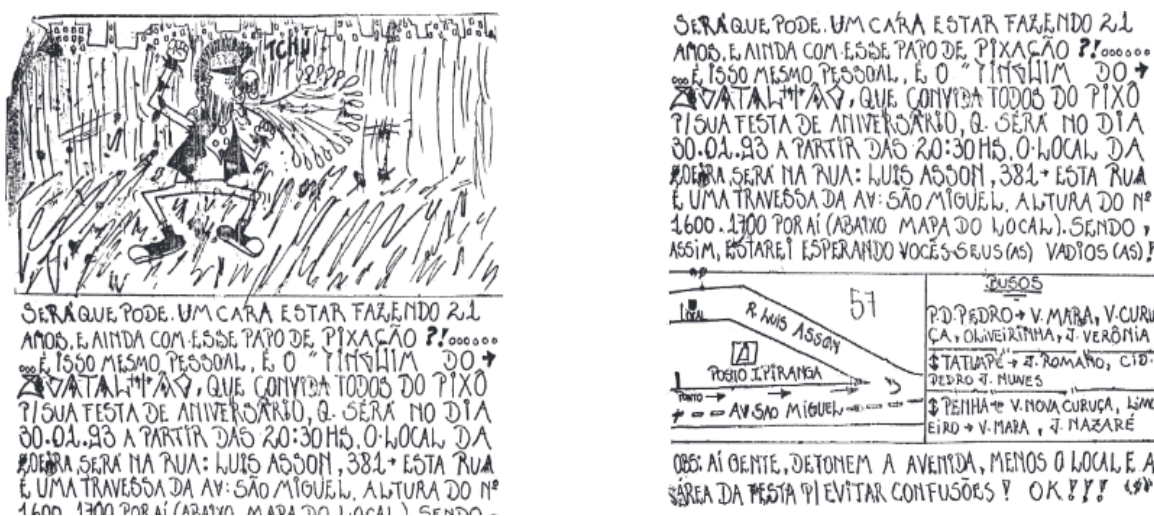
³² Podemos citar como exemplo: pela atividade, “Turma da Janela”, “Aqui é Ninja” e “Agilidade 7 Vidas”; de times de futebol, “Pixadores Da Fiel” (Corinthians), “Sampa Pixo” (São Paulo) e “Santos Fosco”; pela região, “União Maior de Osasco”, “Terra da Garoa” e “Estilo Periferia”

³³ Figuras de Timothée Engasser, 2015.

³⁴ As folhinhas são consideradas consideradas valiosas, a qual sua confecção em cadernos se torna uma objeto de grande valor para o pixador.

Do mesmo modo, é nos espaços dos “points” que se disseminam as propagandas para as festas da pixação, organizada por grifes ou grupos de pixação (ver Figura XXVI); nessas festas, da mesma maneira que os points, se trocam “folhinhas” e recordações da festa. Portanto, nota-se como o point demonstra ser um espaço de sociabilidade e troca de experiências nessa cultura, a qual a ocupação dos espaços garante para os pixadores um espaço para tal associação.

Figura XXVI - Convite para a festa do pixo de “Pinguim 8º BATALHÃO”. Na imagem, se confere o endereço da festa, o horário e avisos para não pixar perto do local da festa.



Fonte: Boleta, 2018.

Por se tratar de um espaço da cultura da pixação, os points são frequentemente dispersos por autoridades locais. No caso da cidade de São Paulo, tais espaços mudaram de local para evitar a interferência do poder coercitivo, passando por diversos espaços centrais da cidade,

Por conta da repressão policial a esses encontros, ele já teve pelo menos três endereços: o Largo da Memória, no Vale do Anhangabaú, as imediações do Centro Cultural São Paulo e, desde 2005, o entorno da Galeria do Rock e da Galeria Olido, em frente ao Largo do Paissandu – todas localidades centrais da cidade de São Paulo. (Pereira, 2018, p. 149)

Tal condição evidencia, ainda mais, como a ocupação de espaços por esta subcultura é associada com o desvio.

A partir dos conceitos levantados, é possível compreender a pixação a partir de sua subcultura, e como o desvio está intrinsecamente conectado nessa. Compreende-se, ademais, como o desvio – e os grupos desviantes – quebram regras e normas ao mesmo tempo que estabelecem suas próprias. No caso da pixação, ir contra a lei, como analisado, é um dos motivadores principais que um indivíduo adentra em tal

atividade; ao mesmo tempo, a existência de espaços, na mesma dinâmica, possibilita para o sujeito a prática da sociabilidade e troca de experiências no meio. A subcultura da pixação, para além da prática da escrita, revela uma complexa teia de convivências e trocas no meio urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a pixação e seus agentes a partir dos postulados da sociologia do desvio. Principalmente após as formulações de Becker (2008), a sociologia do desvio permite a análise do desvio como um elemento criado pela sociedade a partir de uma norma estabelecida, ao mesmo tempo que considera a existência de grupos que desafiam tais normas a partir do desvio. A pixação, por sua vez, foi vista como uma expressão particular brasileira que se faz no uso de espaços – públicos e privados – para a disseminação de pixos, as assinaturas, realizadas de maneira transgressiva, e, portanto, rotuladas como desviantes.

Em um primeiro momento, então, se verificou as diferentes abordagens frente ao desvio na sociologia. Quase como uma abordagem histórica das análises do desvio, se estudou as perspectivas funcionalistas, os estudos da delinquência e interacionismo simbólico. Vimos, então, como em um primeiro momento o desvio era analisado como uma forma patológica (Durkheim, 1999) a partir da perspectiva funcionalista; em posterior, se verifica como tal tradição é absorvida pela Escola de Chicago, cujos pesquisadores demonstram especial interesse com os estudos da delinquência em Chicago. No mais, se verifica os estudos do desvio através do interacionismo simbólico – advindo da Escola de Chicago – no qual autores como Becker (2008) e Goffman (2008) explicam o desvio a partir das relações sociais e de cotidiano, em que se há a criação do desvio a partir dessas; Becker (2008) observa de uma maneira “macro”, em que grupos sociais criam desvio a partir da relação *insiders* e *outsiders*, enquanto Goffman (2008) a partir de uma perspectiva “micro”, a qual o estigma e a identidade se relaciona com estigma e desvio.

A fins do estudo da pixação como inscrita particular passível de análise, se buscou diferenciar essa frente a pichação e o grafite. Se verificou, nesse sentido, também uma abordagem histórica de inscrições realizadas no meio urbano. Primeiro, foram analisadas as pichações genéricas, sem qualquer tipo de estilização própria, mais relacionada com alguma forma de expressão individual a partir de frases ou desenhos; em outro momento, se verificou o grafite e sua história a partir da cidade de Nova Iorque, que, em seu início, também, era considerado desviante, apesar de seu valor artístico. O grafite, ademais, é um elemento presente nas cidades brasileiras, e aceito como elemento visualmente agradável, e, em certos momentos, colocado como antagonista – na visão de *insiders* – da pixação. Por fim, identificamos o pixo como uma identidade própria brasileira

e paulistana em particular. Vimos como a pixação evoluiu a partir de seu estilo próprio, o “tag reto” e a reivindicação do “pixo” – com X – por seus atores, diferenciando-o de outras formas de intervenção urbana.

Por último, procuramos colocar em perspectiva os estudos de desvio com os atores e grupos de pixadores. Para tal, se realizou um levantamento de trabalhos, documentários e entrevistas que mostrassem a prática dos pixadores, e nos quais se explicam o movimento do pixo, cultura, motivações e história. Com isso, foi possível indicar uma relação direta do desvio, principalmente com os estudos de Becker (2008) com a prática da pixação, a qual entende-se que os pixadores vêem a transgressividade – desvio – conectada diretamente com sua ação. O título desse trabalho, “Se fosse autorizado ninguém tava fazendo” (PIXO, Oliveira & Wainer, 2009, 55:28) é uma alusão a uma das falas encontradas ali. Portanto, compreendendo que o desvio se estabelece a partir de sua criação por um grupo social, os pixadores se desviam dessas regras a partir da afirmação de infrações. No mais, se reconheceu as formas de “controle social” (Becker, 2008) estabelecidas contra a ação do pixo, como a restrição de venda de tintas-spray e o apagamento de pixações.

Ainda sim, foi compreendido como o desempenho do pixo se associa com uma “identidade social” (Goffman, 2008) e a formação de uma subcultura desviante (Velho, 1999). Primeiro, observou-se que a “identidade social” do pixador, que se estabelece tanto pelo seu físico como por sua assinatura, é uma identidade estigmatizada; observa-se, nos relatos, que ser descoberto como pixador acarreta uma reação negativa nas relações sociais. Em segundo, foi visto a pixação como uma subcultura desviante, a qual mantém uma série de regras, práticas e comunidade em volta da atividade do pixo. Em confirmação, a subcultura da pixação chega a apresentar regras internas, que podem ou não colocar o pixador dentro da própria comunidade – principalmente pelo “atropelo” –; também, se discutiu como a cultura da pixação se articula entre si para a formação de espaços de sociabilidade, como os points e festas. Esses fatores indicam, logo, a formação de uma subcultura desviante fundamentada ideologicamente, rotulada como desviante.

Para além do presente trabalho, salienta-se a possibilidade de trabalhos futuros que enquadram a pixação. No próprio âmbito do desvio, pode-se considerar um comparativo entre teorias do desvio que não foram apresentadas, como a “Teoria das janelas quebradas” (Kelling & Coles, 2003), que considera como a conspurcação de espaços urbanos – como quebrar janelas – pode acarretar em crimes maiores; idem, a

“Teoria do Controle Social” (Reiss, 1951), que considera as variáveis da sociabilidade no desenvolvimento de um possível comportamento desviante.

No mais, a pixação e seus agentes se mostram como objetos de estudo interessante devido a como suas ideologias confluem para uma nova forma de convívio urbano. Para além do que Simmel (1979) notara que a cidade e seus estímulos influem uma personalidade indiferente, o meio urbano no meio da pixação se mostra como um objeto de apropriação, transformação e ocupação; além do mais, se reconhece como os pixadores estabeleceram historicamente uma “linguagem” própria através do pixo, que se mostra como “fechada” para quem está de fora da comunidade. A inserção do pixo no mundo da arte, de mesmo modo, é um interessante elemento de análise pelo seu estilo particular, presente nas cidades brasileiras; ao mesmo tempo, em que notam-se relatos de pixadores que admitem uma resistência frente a aderência na esfera e nas galerias de arte, ressaltando a transgressão como inerente a sua ação e forma de expressão.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAO, R. História da Pichação e do Grafite em São Paulo. São Paulo: **Estadão**, ano I, n° 105, 4 de outubro de 1988.
- ANGRIMANI, D. Dono do 'cão fila Km 26' resiste. Santo André: **Diário do Grande ABC**, 30 mar. 2000. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/noticia/114165/dono-do-cao-fila-km-26-resiste>. Acesso em: 13 mar. 2024
- ARGAN, G. História da arte como história da cidade. 5 ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2005.
- BECKER, H. Outsiders: *Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2008.
- _____, ___. A Escola de Chicago. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 177–188, out. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/6FvBPkkRffvcrrkJb77SZBv/#>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- BLUMER, H. El Interaccionismo Simbólico: *Perspectiva y método*. Barcelona: **HORA, S.A**, 1982.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: **Editora Bertrand**, 1989.
- BRASIL, Lei N° 12.408, de 25 de Maio de 2011. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. Acesso em 07 mar. 2024.
- _____, Lei N° 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BURGESS, E. O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa. Tradução de Raoni Borges Barbosa. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.2, p. 61-70, julho de 2017. ISSN 2526-4702
- CALONIUS, E. Heavily tagged subway car of the NYC subway in 1973 [Fotografia]. **Wikimedia Commons**, 2009. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Heavily_tagged_subway_car_in_NY.jpg?uselang=en#Licensing. Acesso em: 15 abr. 2024.
- DINIZ F., P. Outsiders e Estigma: *Duas perspectivas sobre o desvio social*. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.5, n.5, 328 - 345, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/95>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- DIÓGENES, G.; CHAGAS, J. O ruidoso silêncio da pixação: linguagens e artes de rua. **Nava**, Juiz de Fora, v.1, n.2, p.304-30, jan./jun. 2016.
- DURKHEIM, E. Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: **Martins Fontes**, 1999.
- _____, ___. O Suicídio. São Paulo: **Martins Fontes**, 2000.

ECHENBERG, E [Fotógrafa]. *Photo Of Punks And Gbh* [Fotografia]. **Getty Images**, 2019. Disponível em: <https://photos.com/featured/photo-of-punks-and-gbh-erica-echenberg.html>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ENCHEVA, K.; DRIESSENS, O.; VERSTRAETEN, H. (2013) The mediatization of deviant subcultures: an analysis of the media-related practices of graffiti writers and skaters. **Mediekultur: Journal of Media and Communication Research**, 29 (54). pp. 8-25. ISSN 1901-9726

ENGASSER, T. Appropriation scripturale et subversive de l'espace urbain à São Paulo, *Les Cahiers de Framespa* [En ligne], 21 | 2016, 15 mai 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/framespa/3822>. DOI : <https://doi.org/10.4000/framespa.3822>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FASTILY (Fotógrafo). *Expo markers* [Fotografia]. **Wikimedia Commons**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Expo_markers_1_2018-11-21.jpg. Acesso em 16 de abr. 2024.

GIDDENS, A. *Novas Regras do Método Sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas*. Lisboa: **Gradiva**, 1996.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: **LTC**, 2008.

HARVEY, D. Alfredo, A.; SCHOR, T.; BOECHAT, C. A. A liberdade da cidade. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 09-18, 2009. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2009.74124. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74124>. Acesso em: 01 dez. 2023.

IVSON, D. Cripta Djan: "O Pixador é o artista que transcendeu as telas". Entrevista concedida a Rhoden, C; Moura, J.V; Balbuena, R; Miotto, T, 2012. Disponível em: <https://www.revistaovies.com/2012/11/08/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcende-u-as-telas/>. Acesso em 20 mar. 2024.

JJ & SPECIAL K (Fotógrafa). A run-down and graffiti-tagged R21-type New York Subway car as it was typical for the late 1970s [Fotografia]. **Wikimedia Commons**, 1979. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NYCS_R21_exterior_tagged.jpg. Acesso em: 15 abr. 2024.

KELLING, G; COLES, C. *Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing Crime in Our Communities*. New York: Free Press, 2003.

LARRUSCAHIM, P. G. From graffiti to pixação. **Tijdschrift over Cultuur & Criminaliteit**, v. 4, n. 2, p. 69-84, 2014.

_____, _____.; SCHWEIZER, P. A criminalização da pixação como cultura popular na metrópole brasileira na virada para o século XXI / The criminalization of pixação as popular culture in the brazilian metropolis at the dawn of the 21st century. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 13–32, 2015. DOI: 10.18759/rdgf.v15i1.650. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/650>. Acesso em: 20 mar. 2024.

LASSALA, G; GUERRA, A. Cripta Djan Ivson, profissão pichador. Pixar é crime num país

onde roubar é arte. Entrevista. v. 11, p. 1 - 6, 11 mar. 2012. Disponível em: https://desarquivo.org/sites/default/files/crypta_djan_entrevista.pdf. Acesso em: 27 mar. 2024.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: **Centauro**, 2008.

_____, H. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: **Editora UFMG**. 2002

LIMA, R. DE C. P. Sociologia do desvio e interacionismo. **Tempo Social**, v. 13, n. 1, p. 185–201, maio de 2001.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 173–205, nov. 2005.

MATUOKA, I. Na repressão de Doria contra a arte de rua, alvo é a juventude periférica. **Rota News e Carta Capital**, São Paulo, 27 jan 2017. Disponível em: <https://rotanews176.com.br/na-repressao-de-doria-contra-a-arte-de-rua-alvo-e-a-juventude-periferica/>. Acesso em 16 de mar 2024.

MEDEIROS, D. Boleta. Ttsss... A Grande Arte da Pixação em São Paulo, Brasil. São Paulo: **Editora do Bispo**. 2006

MILNOR, K. Graffiti and the Literacy Landspace in Roman Pompeii. Oxford: **Oxford University Press**. 2014.

MURO NA RUA 23 DE MAIO É PICHADO COM RECADO PARA JOÃO DÓRIA. **Catraca Livre**, 29 jan 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/muro-na-23-de-maio-e-pichado-com-recado-para-joao-doria/>. Acesso em: 15 mar 2024.

OLIVEIRA, R. WAINER, J. PIXO. Documentário. **Sindicato Paralelo Filmes**, São Paulo, 2009.

PEREIRA, A. B. De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 27 mar. 2024.

_____, __. __. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 79, p. 143–162, 2010.

_____, __. __. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação, **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 1, No 2 | 2012, Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/631>; Acesso em: 20 mar 2024.

_____, __. __. Um rolê pela cidade dos riscos: leituras da piXação em São Paulo. São Carlos: **EdUFSCar**, 2018.

REISS, A. Delinquency as the failure of personal and social controls. **American Sociological Review**, p.196-207, 1951.

RIBEIRO, C. Pichações de Pompeia, cidade romana abandonada. 2014. Disponível em: <https://www.portoribeiro.com/pichacoes-de-pompeia-cidade-romana-abandonada/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

RIBEIRO, F. M. V. Nuances da sociologia do desvio em Émile Durkheim. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife. v. 1, n. 1, jul./dez. p. 1-19, 2012. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/233>. Acesso em: 04 de mar. 2024.

RINK, A. Graffiti: *Intervenção urbana e arte*. Curitiba: **Appris Editora**, 2015.

SÃO PAULO. Lei Nº 17.896 de 6 de Janeiro de 2023. São Paulo-SP. Disponível em <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17896-de-6-de-janeiro-de-2023>. Acesso em 08 mar. 2024.

SANDU, S. May 68: the Legacy of 1968. *The Telegraph*, [S.l.], 2 jan. 2008. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/film/starsandstories/3672503/May-68-the-Legacy-of-1968.html>. Acesso em: 15 fev 2024.

SCHMIDLAPP, D, PHASE2. *Style Writing from the Underground: (R)evolution of Aerosol Linguistics*. Terni, Italia: **Stampa Alternativa/IGTimes**, 1996.

SILVER, T. Style Wars, 1983. (1h 51 min). Documentário.

SIMMEL, G. (1979). "A metrópole e a vida mental." In: Velho, O. G..O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: **Zahar**. SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. Simmel e a modernidade, p. 23-40, 1998.

SIUZDAK, L. *Collection of spray cans* [Fotografia]. **Wikipedia**, 2008. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Spray_cans.jpg. Acesso em: 16 abr 2024.

SOARES, W. Ponte Estaiada vira alvo de pichadores na Zona Sul de São Paulo. G1/ São Paulo, 23 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/ponte-estaiada-vira-alvo-de-pichadores-na-zona-sul-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

TEIXEIRA, R. Plaza. Sob a proteção da Vênus Cloacina: diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.47.2018.tde-09022018-102536. Acesso em: 2024-02-28.

VAATE, E. *Paint roller* [Fotografia]. **Wikimedia Commons**, 2005. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paint_roller_3.jpg. Acesso em: 15 abr 2024.

VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: *A contribuição da antropologia social*. In: Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1999, pp. 11-28.